

UALGARVE 07

REVISTA DA
UNIVERSIDADE DO ALGARVE
DEZ / 2013

ZINE

E O NOSSO CAMPUS

DESTAQUE:

**UAlgarve é o nosso
campus**

ENTREVISTA:

**António
Branco**



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

UALGzine, Revista da Universidade do Algarve

PROPRIEDADE

Universidade do Algarve

DIRETOR

João Guerreiro

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Gabinete de Comunicação

CONSELHO EDITORIAL

Anabela Romano

André Botelho

Laura Alves

DESIGN/PAGINAÇÃO

Ludovico Silva

FOTO DE CAPA

Passadeira na Ilha Deserta

Autor: Márcio Alexandre

Direitos: Animarís Animação Turística Lda.

IMPRESSÃO

Litográfis

ISSN

1646-639X

DEPÓSITO LEGAL

251786/06

TIRAGEM

10.000 exemplares

EDITORIAL

João Guerreiro

Reitor da Universidade do Algarve



A Universidade portuguesa atravessa, na atualidade, uma fase crítica. O fluxo de estudantes que, nos últimos anos, sai do ensino secundário para prosseguir os seus estudos no ensino superior tem diminuído. Os recursos financeiros transferidos do Orçamento de Estado têm sofrido a mais drástica redução quando comparada com o panorama do conjunto das instituições públicas. O ambiente em torno do fomento da investigação científica atingiu um complexo nível de desorganização, com a introdução de medidas administrativas de alcance desconhecido. E os acordos de prestação de serviços avançados a empresas e a administrações estão condicionados pela crise económica e pelas limitações que aquelas entidades estão a sofrer. Todos estes aspetos, associados às limitações crescentes dos orçamentos familiares, anunciam nuvens negras sobre o sistema de ensino superior português, não se antevendo o que, nesta situação, se deveria esperar: um acompanhamento atento das universidades e politécnicos, mobilizando-os para a melhor preparação dos jovens, para a valorização da ciência produzida nestas instituições, para a intervenção qualificada nos problemas nacionais, para a melhoria da situação económica e social. O caminho prosseguido deixará marcas que levarão anos a ultrapassar.

A Universidade do Algarve ressurte-se naturalmente deste ambiente restritivo e perturbado que aquele desinteresse pelo sistema de ensino superior tem criado. A sua comunidade académica tem, não obstante, continuado a assegurar as funções nobres da Universidade com igual empenho e de forma criativa no que respeita a novos domínios de atividade.

Este número da revista UALGzine reflete justamente essa postura num dos eixos estratégicos da Universidade: o relacionamento com a região. A par dos restantes eixos estratégicos (formação, investigação ou transferência), a atenção prestada aos diversos setores da região, ilustrada nos diversos exemplos, revela bem a preocupação em fazer refletir também na região o trabalho criativo, formativo, dinamizador e inovador que é realizado na Universidade.

A partir desta data a Universidade irá contar com um novo Reitor. A alternância na gestão de topo da Universidade não só é natural, como reforça a instituição e reanima algumas das suas funções. O perfil do novo Reitor irá seguramente beneficiar o aprofundamento do papel da instituição como casa de Cultura, de Ciência, de Inovação e assumindo um genuíno compromisso social. Parabéns ao Professor António Branco e votos de felicidades para o seu mandato.

ÍNDICE

Págs.

Rúbricas

02

DESTAQUE – UALGARVE É O NOSSO *CAMPUS*

MAR

04

TURISMO

08

OPINIÃO

André Jordan, Empresário e Doutor *Honoris Causa* da UAlg

Phil Cooke, Centre for Advanced Studies, Cardiff University (UK)

09

INTERNACIONAL

10

SAÚDE

12

ENGENHARIAS

15

LABORATÓRIOS

16

ARTES E CULTURA

18

DESPORTO

19

COMUNICAR

20

UALG EXPERIENCE

22

EMPREENDEDORISMO

24

GRANDE ENTREVISTA

António Branco, Reitor da Universidade do Algarve

30

INVESTIGAÇÃO

MAR

32

SAÚDE

33

AGRICULTURA

34

OPINIÃO

Mariano Gago, Professor Universitário

36

PERCURSOS

João Correia, Biólogo Marinho

38

HISTÓRIA DO ALGARVE

IN MEMORIAM – ANTÓNIO ROSA MENDES

39

OPINIÃO

Joaquim Romero Magalhães, Professor Universitário

40

PUBLICAÇÕES

O CONHECIMENTO AO SERVIÇO DA REGIÃO

CONTRIBUTOS PARA A PESCA NO ALGARVE

Na área das pescas, a Universidade do Algarve, através do **Centro de Ciências do Mar (CCMAR)**, desenvolveu ao longo da sua existência uma série de estudos aplicados que tiveram como objetivo melhorar a gestão dos recursos pesqueiros numa ótica de desenvolvimento sustentável. Estes projetos foram desenvolvidos em estreita relação com a comunidade piscatória algarvia, nomeadamente na partilha de informação, na inclusão das embarcações da pesca comercial e recreativa, no seu *modus operandi* e no desenho e execução experimental desses estudos.

Algumas das principais linhas de investigação e divulgação científica centraram-se, por exemplo, na melhoria dos procedimentos de pesca da pescada da "Beirinha", ao largo da Fuzeta onde, através da redução de anzóis junto das "Pedras" no palangre de fundo, se conseguia um ganho de produtividade (diminuição de tempo de processamento e menos isco) e uma diminuição nas capturas acessórias de juvenis de pescada e nas rejeições de tubarões de profundidade.

Outra linha de investigação incidiu na otimização da operação de cerco de espécies de elevado valor comercial (sargos e similares) pela passagem da cuba da vante na fase final da captura, reduzindo desta forma as rejeições de peixes de tamanho ilegal e sem valor económico, diminuindo o tempo de triagem de espécies e tamanhos e aumentando a capacidade de carga para espécies mais desejadas.

Foram determinadas as relações peso-comprimento para quase todas as espécies com valor comercial, com a sua utilização posterior em modelos de avaliação de recursos pesqueiros e, ainda, em concursos de pesca, organizados pela pesca recreativa e desportiva.

O CCMAR também realizou, com base na realidade algarvia, um dos primeiros estudos integrados, a nível nacional e pioneiro na Europa, de rejeições do cerco, arrasto e redes de emalhar e tresmalho, essenciais para a perceção de um fenómeno que ainda hoje está no cerne da Política Comum de Pescas. Neste âmbito foram promovidos alguns eventos, como os "Encontros de Pesca," que estabeleceram pontes entre a investigação e a indústria pesqueira, e ações de formação de pescadores recreativos, que incentivaram a adoção de boas práticas no exercício da atividade. Foi recolhida informação de base relevante para a gestão dos recursos: estudos de *bycatch*, pesca fantasma, relação das capturas com os fatores ambientais, levantamentos da biodiversidade da costa do algarve, desde Sagres ao Guadiana, e estudos socioeconómicos.

Estes e outros contributos estimularam o desenvolvimento das pescas numa perspetiva de sustentabilidade da atividade socioeconómica, respeitando e preservando os ecossistemas marinhos para as gerações vindouras.

DO TOPO DA SERRA DE MONCHIQUE AO FUNDO DAS ÁGUAS DA COSTA ALGARVIA

O **Centro de Investigação Marinha e Ambiental (CIMA)** tem desenvolvido vários projetos no Algarve, desde o topo da serra de Monchique até ao fundo das águas da costa algarvia. Ao longo dos seus 16 anos de existência, o CIMA não se preocupou apenas em fazer boa ciência, preocupou-se também em promover o diálogo entre a região e os seus investigadores e, provavelmente, mais importante do que tudo isto, em difundir o conhecimento científico sobre a região aos alunos das escolas de todo o Algarve.

RISCOS E IMPACTOS MORFOLÓGICOS EM ZONAS COSTEIRAS INDUZIDOS POR TEMPESTADES

A capacidade para prever os impactos decorrentes de fenómenos naturais de grande intensidade, como as tempestades que por vezes assolam as regiões costeiras, é fundamental para minimizar riscos e prejuízos económicos. Assim, o projeto **MICORE** desenvolveu mapas de risco face ao impacto de tempestades, bem como sistemas de alerta à eminência de risco costeiro, permitindo a diminuição de catástrofes naturais no longo-termo e de prejuízos económicos decorrentes da perda de infraestruturas construídas, ou por construir, ao longo da orla costeira. A importância deste projeto para a região é óbvia face à importância económica que a zona costeira tem para a região e também para o país.

INTEGRAÇÃO DE CIÊNCIA E POLÍTICA NA AVALIAÇÃO DE SISTEMAS COSTEIROS

O desenvolvimento sustentável é uma das dimensões de maior multidisciplinaridade das políticas da União Europeia. Este conceito está fortemente associado à necessidade de gerir os recursos naturais e promover a qualidade ambiental, mas integrando-as harmoniosamente às componentes económica e social. Neste contexto, o CIMA, através do projeto **SPICOSA**, desenvolveu modelos eco-socioeconómicos para o desenvolvimento sustentável do estuário do Guadiana, cuja sustentabilidade depende não só da qualidade mas também da quantidade de água doce que chega ao estuário. É de salientar que para alcançar este objetivo, o CIMA mediou o diálogo entre os decisores políticos e a comunidade científica, e conseguiu incluir neste diálogo uma série de instituições e empresas locais.

CARTOGRAFIA DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO ALGARVE

O projeto RENSUB (Reserva Ecológica Nacional SUBmarina) é um estudo aplicado promovido pelo Centro de Ciências do Mar da Universidade do Algarve, em estreita articulação com a administração regional ligada ao ambiente e ordenamento do território. O projeto nasceu da necessidade sentida por parte da já extinta Direção Regional do Ambiente do Algarve (DRAOTA) de avaliar o impacto das dragagens para realimentação da praia de Vale do Lobo.

Em 2003, em vez de um estudo de impacto ambiental clássico, as entidades promotoras optaram por fazer um programa de mapeamento dos fundos e da biodiversidade marinha do Algarve. Este estudo estendeu-se até 2010, com o apoio da CCDR Algarve e da ARH Algarve, e continua até aos dias de hoje, através de outros projetos de cartografia marinha europeia.

Mas para que serve este estudo? O objetivo principal é precisamente elaborar mapas sobre os habitats marinhos do Algarve, que vão desde a batimetria (profundidades) até ao tipo de fundos (areias, vasas, rochas), terminando, necessariamente, na fauna e flora que vivem nesses habitats. Mas não são só mapas de distribuição espacial de abundâncias de espécies, são também de habitats prioritários e de espécies ameaçadas, classificados por diretivas e convenções europeias e/ou internacionais (e.g. Diretiva Habitats, OSPAR).

Para isso, explica Jorge Gonçalves, coordenador do projeto, "utilizámos os dados de batimetria e de sedimentos existentes nas instituições promotoras e fizemos campanhas de amostragem biológica, do Ancão, em Faro, até à

Ponta da Piedade, em Lagos, e da Fortaleza de Sagres, à Ingrina, dos 0 aos 30 metros de profundidade. Usamos o mergulho científico para avaliarmos a biodiversidade dos fundos rochosos, dragas e arrasto de vara para os fundos arenosos".

Com uma equipa composta por mais de 10 investigadores e estudantes de doutoramento e mestrado foram feitas campanhas de amostragem que envolveram 1030 mergulhos e 670 arrastos, num total de 367 dias de mar. A partir deste esforço, elaborou-se o maior inventário de espécies de fauna e flora marinhas do Algarve e um dos maiores a nível nacional, com cerca de 1300 espécies, 32 das quais novos registos para a costa portuguesa, diversos para o Oceano Atlântico, e uma espécie nova para a ciência (Fuso listado algarvio – *Fusinus albacarinoides* sp. nov.).

Este grupo de cientistas identificou 196 espécies com valor comercial, para a pesca, indústria farmacêutica, cosmética e aquarofilia, e cerca de 15 com estatuto de conservação. Mapearam os *hotspots* de biodiversidade marinha, permitindo uma melhor gestão do espaço marítimo algarvio. Um resultado prático e imediato da utilização destes mapas, foi a aferição dos melhores locais para efetuar as dragagens dentro das áreas estipuladas para o efeito (manchas de empréstimo).

Na continuidade deste programa e com os recursos do projeto MeshAtlantic investigaram a zona costeira dos 30 aos 90 metros, nos maiores afloramentos rochosos ao largo sul do Algarve, descobrindo jardins de gorgónias únicos e de corais antes só descritos para o Mediterrâneo.

LEVANTAMENTO DOS MAIORES JARDINS DE CORAL VERMELHO

Neste contexto, em colaboração com as autoridades marítimas, os investigadores fizeram o levantamento dos maiores jardins de coral vermelho (*Corallium rubrum*) existentes fora do Mediterrâneo. Estes corais são desde há milhares de anos utilizados na joalharia e já foram explorados no barlavento algarvio durante o período muçulmano e no século XV por comerciantes italianos e pelo Infante D. Henrique, não havendo registo de tal atividade nos tempos modernos, nem registo da espécie em grandes quantidades, nem a sua visualização a profundidades inferiores a 40m. Esta espécie é muito vulnerável à exploração pelo seu crescimento lento (inferior a 1,5 mm, por ano), sendo a sua exploração proibida ou condicionada no Mediterrâneo e Atlântico pela convenção de Berna, Diretiva Habitats e convenção OSPAR. Considerando a taxa de crescimento anual acima referida, parte da população de corais vermelhos algarvia poderá ter idade superior a 200 anos.

"Em mar profundo, explorámos, com o auxílio de um robot submarino (ROV), os canhões submarinos de Portimão e São Vicente (50–500m) e investigámos a maior montanha submarina do sudoeste português, o Banco Gorringe, que se ergue dos 5 mil metros de profundidade até aos 25 m da superfície", refere Jorge Gonçalves. Também "nestes habitats particulares desvendamos a existência de áreas de viveiro de diversas espécies comerciais como a pescada ou o tamboril, e de habitats prioritários como os

jardins de coral negro e campos de esponjas de profundidade", concretiza o investigador.

Todos estes habitats e espécies têm um valor inestimável para a sociedade, sendo responsabilidade coletiva, promover a sua preservação e, em caso disso, uma exploração sustentável. Esta equipa de investigação tem contribuído para a definição das áreas marinhas a integrar na rede NATURA 2000 nacional, em estreita colaboração com o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF).

Estão também a cartografar as principais atividades humanas no Algarve (bancos de pesca, áreas de dragagem, aquaculturas ao largo, armações, locais de mergulho, visitação turística, regatas, navegação, cabos submarinos, entre outras) e mediante uma análise de custo/benefício e de minimização de conflitos entre usos e as áreas de maior valor biológico, pretendem fornecer instrumentos para a execução de um Ordenamento do Espaço Marítimo regional e nacional, que poderá incluir áreas marinhas protegidas.

"Damos, igualmente, passos largos nesse sentido, integrando os nossos esforços com os dos nossos vizinhos espanhóis, num contexto de exemplo europeu, participando num projeto-piloto da União Europeia (TPEA), em que o Algarve e Andaluzia constituem um dos dois principais casos de estudo de planeamento espacial marítimo transfronteiriço", conclui Jorge Gonçalves.

CRESCIMENTO SUSTENTADO DE NOVAS ROTAS AEREAS

Initiative:pt

É um programa que pretende fomentar o desenvolvimento turístico do país, promovendo o crescimento sustentado de novas rotas aéreas. Desta iniciativa surge o Initiative:pt Monitor, que resulta de uma parceria entre o Turismo de Portugal, a ANA – Aeroportos de Portugal e a Universidade do Algarve, em colaboração com a Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, a Universidade da Madeira e a Universidade dos Açores.

O Initiative:pt Monitor avaliou e monitorizou em dois anos consecutivos as rotas inseridas no programa Initiative:pt. Com o objetivo de quantificar, caracterizar e avaliar impactes económicos destes fluxos na atividade turística e aeroportuária em Portugal, o estudo desenvolveu-se em torno de indicadores suportados por dados primários recolhidos em quantidade suficiente para garantir a fiabilidade da informação apresentada. Antónia Correia, professora da Faculdade de Economia e coordenadora do projeto, considera que "este teve como principal objetivo potenciar o turismo em mercados emergentes e reforçar as rotas já consolidadas".

Na sequência desta investigação, foram criadas mais de 80 novas ligações aéreas entre Portugal e a Europa, consideradas prioritárias para o desenvolvimento do setor do turismo, sendo que 20 destas rotas operam no Aeroporto Internacional de Faro. Estas ligações concretizaram um fluxo maioritariamente *inbound*, em que mais de 95% dos passageiros foram turistas em Portugal, tanto numa lógica multidestino, como circunscritos às regiões aeroportuárias, o que resultou num impacto em todas as regiões de Portugal. Ao nível

microeconómico, destacam-se dormidas na ordem dos 4 milhões.

No Algarve, região onde a atividade turística predomina, as rotas atraíram turistas cuja diversidade de perfis garante a utilização dos vários recursos e oferta disponível. Esta foi também a região que maior número de turistas reteve, ainda que os movimentos entre o Alentejo e o Algarve, ou entre o Algarve e Lisboa, não sejam despicientes. Fruto de uma maior capacidade de retenção da região, a vizinha Espanha, que tradicionalmente usa o Aeroporto de Faro como ligação à Andaluzia, perde peso neste biénio (7,8% em 2009/2010 e 5,8% em 2010/2011). "A afinidade destes turistas com o sul de Portugal remonta aos anos 70. Com efeito, para a grande maioria, esta não é, de todo, a primeira visita ao Algarve, ainda que os mercados emergentes tenham contribuído para refrescar esta relação, tornando a distribuição entre turistas de primeira vez e de repetição mais equitativa (em 2009/2010, os turistas de repetição representaram 46,8% e no ano seguinte 50,1%), explica Antónia Correia. Muito provavelmente pela experiência acumulada, as expectativas que medeiam a visita ficam-se pelo moderado. De acordo com a coordenadora, este estudo conclui que "a decisão de visitar a região mais a sul de Portugal surge em função do sol e da praia, da cultura, da paisagem e da natureza, sendo a viagem reservada na internet, com uma antecedência que não ultrapassa os 50 dias. No destino, os turistas deslocam-se em carros alugados, com a família ou o cônjuge, para ficarem alojados em hotéis, em casas de familiares e amigos ou em casa própria, por um período de uma semana".

O estudo conclui ainda que para "cativos do destino, ou em primeira visita, é o clima, o ambiente relaxante e a relação qualidade/preço, bem como as praias, a segurança e o alojamento que determinam a visita. Uma visita que, ou fica circunscrita ao concelho

de alojamento, ou, no máximo, propicia um passeio entre os concelhos limítrofes, reforçando a concentração de sinergias na região".

Ao nível turístico, o reflexo quantificado de uma procura cujos montantes não são de todo despicientes, surge nos níveis de satisfação evidenciados, em que a maioria sai muito satisfeita ou extremamente satisfeita (mais de 80%). Também, por isso, o futuro do turismo na região é considerado promissor. As intenções de revisita, as recomendações e, até a vontade explícita de comprar ou manter uma segunda habitação em Portugal, abrem horizontes onde a fidelização suporta uma procura que a atual crise económica mundial poderia ameaçar.

"Novas formas de viajar são também evidentes: o turista *singleton*, o turista residencial, o turista multidestino, as famílias, o turista de desporto e bem-estar e, até mesmo o turista de sol e praia de segunda geração, são alguns dos novos segmentos cujas especificidades exigem uma reestruturação da oferta, no sentido de acompanhar as suas preferências. Mais ainda, os resultados sugerem que um *cross-selling* dos diferentes produtos deve fomentar a prática de mais de uma atividade, condição indispensável para reter os turistas", concretiza Antónia Correia. A coordenadora deste projeto defende ainda que "neste contexto de grande relevo para o desenvolvimento turístico, este programa não só deve continuar, como também deve ser reforçado, podendo mesmo constituir um exemplo de boas práticas para outros setores de atividade. Naturalmente, num contexto de gestão controlada onde impactes, benefícios e custos são monitorizados".

[//initiative-extranet.impruv.pt/apresentacao.php](http://initiative-extranet.impruv.pt/apresentacao.php)

ALGARVE DESTINO SEGURO

DESDE 2006 QUE A ESCOLA SUPERIOR DE GESTÃO HOTELARIA E TURISMO (ESGHT) TEM MANTIDO UMA ESTREITA COLABORAÇÃO COM ALGUMAS ENTIDADES PÚBLICAS DO DISTRITO DE FARO NO DOMÍNIO DA SEGURANÇA.



Em 2007 foi apresentado o primeiro estudo em colaboração com o Comando Distrital da Polícia de Segurança Pública de Faro. "O principal objetivo foi avaliar a perceção de segurança dos turistas estrangeiros que visitam o Algarve, tendo para tal sido recolhido dados junto de uma amostra de 1400 turistas da Alemanha, Irlanda, Reino Unido, Grã Bretanha, Irlanda do Norte, Holanda e França. Os resultados obtidos permitiram perceber que a perceção de segurança entre os turistas estrangeiros era muito positiva, não só no destino Algarve, em si mesmo, mas também comparativamente a outros destinos turísticos com um produto semelhante e ao seu país de origem. A particularidade deste estudo foi que incidia exclusivamente sobre turistas estrangeiros", explica Maria da Fé Brás professora da ESGHT e coordenadora do estudo. Em 2010 foi assinado um protocolo entre o, então, Governo Civil e a Universidade do Algarve, com o objetivo de responder à proposta do Ministério da Administração Interna de lançar a nível do país os Contratos Locais de Segurança (CLS). Estes CLS são instrumentos privilegiados para colocar em prática a cooperação institucional à escala territorial, respeitando e refletindo a necessidade de descentralização das respostas e competências em termos de segurança, combate à criminalidade e comportamentos anti-sociais. "Neste sentido, a adoção de medidas práticas exigiu a realização de diagnósticos locais relativamente a aspetos considerados



relevantes para avaliar a perceção de segurança dos habitantes do distrito", refere Maria da Fé Brás, explicando ainda que "o objetivo centrou-se na avaliação da perceção de segurança dos habitantes do concelho de Faro e nas principais diferenças em relação às suas freguesias". Já em 2013 celebrou-se um novo protocolo entre a Universidade do Algarve e o Comando Distrital da PSP que se estenderá até 2016, denominado por: "Algarve – Destino Seguro", constituído por diferentes eixos de ação, cabendo à Universidade a avaliação de perceção de segurança dos turistas (nacionais e estrangeiros). O primeiro estudo envolveu cerca de 1500 participantes, entre turistas nacionais e estrangeiros, que visitaram o Algarve no período de julho a outubro. Os resultados foram apresentados nas IV Jornadas de Segurança Pública, que decorreram em outubro de 2003, com a presença do Ministro da Administração Interna. Estes resultados apontam para a existência de uma perceção global de segurança muito positiva, tendo os incidentes de segurança, reportados à PSP, no período estipulado para a recolha, registado um valor na ordem dos 2,7%.



Ainda no âmbito do projeto: "Algarve – Destino Seguro" foi dada uma formação na UAlg sobre atendimento específico para turistas, à recém-criada "Touristic Force", composta por mais de 40 representantes da PSP.

No próximo ano, este projeto terá outra vertente, que se materializará através de um novo estudo empírico dedicado à prevenção de criminalidade contra turistas.

COM O OBJETIVO DE PROMOVER AS RELAÇÕES ENTRE A UNIVERSIDADE E A INDÚSTRIA DO GOLFE, FOI CRIADA PELA UNIVERSIDADE DO ALGARVE, EM AGOSTO DE 2008, A PLATAFORMA GOLFE, QUE TEM COMO MISSÃO A PROMOÇÃO E A GESTÃO SUSTENTÁVEL, A QUALIDADE E A COMPETITIVIDADE DOS CAMPOS DE GOLFE DA REGIÃO, FOMENTANDO A INVESTIGAÇÃO APLICADA DENTRO DA UALG.

PLATAFORMA GOLFE



A Plataforma Golfe tem procurado identificar as necessidades dos campos da região, bem como as áreas de possível colaboração, através da promoção dos serviços disponibilizados pela UAlg. A principal necessidade encontrada foi a formação profissional dos colaboradores responsáveis pela manutenção, gestão e atendimento.

Através da Plataforma foram celebrados vários contratos de prestação de serviços entre o Laboratório de Engenharia Sanitária da UAlg (LES) e diversos campos de golfe da região. No âmbito da promoção de projetos de investigação aplicada ao golfe foram também celebrados 3 protocolos de colaboração. Pode referir-se, como exemplos práticos, a realização da avaliação científica de um condicionante do solo, tendo-se desenvolvido para esse efeito um conjunto de ensaios em ambiente de laboratório e três ensaios de campo, e um levantamento ambiental, tendo em vista a implementação de um sistema de gestão e a certificação ambiental do campo de golfe. Paralelamente, a Plataforma Golfe

colaborou na elaboração de 4 candidaturas a PIN (Projeto de Potencial Interesse Nacional) e a NDE (Núcleo de Desenvolvimento Económico). A Plataforma centrou-se ainda na formação profissional em áreas consideradas relevantes para a gestão e manutenção de campos de golfe. Para além dos cursos nas áreas das ciências ambientais e agronómicas, e dos relacionados com o turismo e a gestão hoteleira, a UAlg criou um mestrado em Gestão e Manutenção de Campos de Golfe, duas pós-graduações, designadamente a de Greenkeepers e outra em Gestão de Campos de Golfe, e um Curso de Especialização Tecnológica em Instalação e Manutenção de Espaços Verdes.

A Plataforma Golfe tem procurado complementar esta oferta de cursos tradicionais da UAlg, através da organização de ações de formação de curta duração, em formato modular, tendo-se, também, realizado dois cursos, um de Mecânica Aplicada ao Golfe e outro de Interpretação de Análises de Solos, Plantas e Águas. Ainda ao nível da formação

especializada, estão previstos para 2014 vários cursos de curta duração, em colaboração com a Associação Portuguesa de Greenkeepers (APG), em eLearning e/ou presencialmente. A Plataforma Golfe organizou ainda alguns seminários e abertos ao público com convidados de renome internacional, como o consultor Martin Jones (Golf Course Design and Management), o professor Tom Hsiang da Universidade de Guelph (Doenças Fúngicas de Relvados), e o professor Marco Volterrani da Universidade de Pisa (na altura Presidente da European Turfgrass Society). A Plataforma tem sido capaz de cativar e enquadrar um elevado número de estágios de formação em contexto de trabalho, serviços, projetos, e de dissertações de alunos em vários campos de golfe (Grupo Oceânico, Montereil, Vale do Lobo, Espiche Golfe, Alto Golfe, São Lourenço, Pinheiros Altos, Benamor, Morgado do Reguengo, Vidago, Vila Sol, e Vale da Pinta), o que se traduz numa mais-valia para os agentes envolvidos.

CompetitivTUR

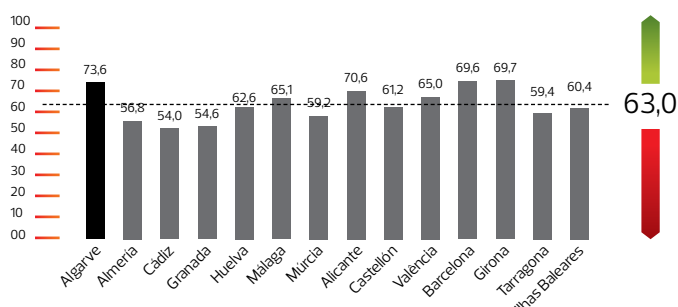
CompetitivTur é o nome do projeto que a UAlg está atualmente a desenvolver, por solicitação da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve (CCDR Algarve), para identificar e apoiar o conhecimento sobre quais as mais-valias do Algarve quando comparado com os outros destinos turísticos que competem diretamente com a região na captação de turistas e investimentos. Paralelamente, o CompetitivTur compreende um segundo módulo, ou rotina, que procura avaliar o "Impacto do Programa Operacional Algarve 21" no setor do Turismo face aos objetivos definidos na Estratégia de Desenvolvimento Regional do Algarve 2007 – 2013.

Com coordenação de Fernando Perna, professor da Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo, a equipa é também constituída pelo docente Pedro Gouveia, pela investigadora Maria João Custódio, com o apoio técnico-científico de Vanessa Oliveira. "Este estudo centra-se na disponibilização e debate de uma plataforma dinâmica de conhecimento científico sobre o setor do turismo, com especial recurso às novas tecnologias como instrumento de suporte aos processos de planeamento e decisão em território e turismo no Algarve", explica Fernando Perna.

O modelo CompetitivTUR neste seu ensaio adota a dimensão territorial do Algarve e da costa mediterrânica de Espanha, incluindo Baleares, num total de 14 províncias, 20.331.691 habitantes e 12 variáveis, o que obriga à consulta e normalização no formato e no tempo de mais de 25 fontes de informação oficiais de Portugal e Espanha. Neste contexto, destaca-se que o Algarve regista o índice de competitividade mais elevado das províncias do mediterrâneo em análise, 73,6, bastante

superior ao valor médio registado de 63,0. Para este resultado contribui o bom desempenho da região no que diz respeito ao golfe (número de buracos em campos de golfe por cada 10.000 habitantes), o índice de sazonalidade (relação entre dormidas realizadas no trimestre de ponta e dormidas registadas no trimestre de menor fluxo) e o ajustamento de mercado (comparação da taxa de crescimento das camas, oferta, com a taxa de crescimento das dormidas, procura).

ÍNDICE CompetitivTUR PROVÍNCIAS DO MEDITERRÂNEO [TOTAL]



No que diz respeito ao impacto do Programa Operacional Algarve 21 no setor do Turismo, com enfoque na região do Algarve, face aos objetivos definidos na Estratégia de Desenvolvimento Regional do Algarve 2007 – 2013, o projeto analisa cada uma das 27 tipologias de operação, distribuídas ao longo dos 3 eixos considerados no Programa. No final é formalizada uma avaliação dos resultados do PO Algarve 21 em termos de performance sobre a concretização e ajustamento à estratégia regional em turismo para o Algarve.

VODAFONE RALLY DE PORTUGAL

O Estudo de Impacto do Vodafone Rally de Portugal na Economia do Turismo e na Imagem dos Destinos, Lisboa, Algarve, Baixo Alentejo e Fafe, resulta do acordo celebrado entre a UAlg e o Automóvel Clube de Portugal, com o objetivo de aferir o desempenho económico direto e a imagem percecionada do evento e do destino pelos adeptos.

Esta análise é efetuada com base em metodologias atualizadas e na informação primária recolhida durante o evento, através do método de inquérito, com uma equipa de entrevistadores composta por alunos e ex-alunos da Universidade do Algarve.

Este projeto tem vindo a ser desenvolvido ao longo de seis edições (2007–2013), com exceção do ano 2008 porque a prova não se realizou. À semelhança das edições anteriores, o estudo encontra-se estruturado em duas componentes principais: a económica, que pretende quantificar a contribuição do evento para a economia turística da região/território abrangido, e a componente do Marketing e Imagem, que pretende avaliar a eficácia dos meios de comunicação utilizados para a promoção do evento, bem como aferir a imagem primária dos adeptos em relação ao evento e às regiões visitadas. No ano de 2013 o Vodafone Rally de Portugal gerou um impacto

superior a 100 milhões de euros, um acréscimo de mais de 21 milhões face à primeira edição, realizada em 2007.

De uma forma global, a avaliação dos adeptos foi muito positiva, sendo que os residentes nas áreas onde se realizaram as provas, designadamente Fafe, Algarve e Lisboa, atribuíram em média 4,42 (numa escala que varia entre 1- muito mau e 5- muito bom) e os não residentes atribuíram uma classificação média de 4,08.

Destacam-se nos atributos mais valorizados o nível de espetacularidade, o cumprimento das regras de segurança pelo público e as infraestruturas do estádio do Algarve.

O evento contribuiu para criar uma imagem favorável do território/destino onde se desenvolveu. A imagem de Portugal, através das regiões envolvidas, atinge uma média global de 4,42 na classificação pelos adeptos residentes e de 4,00 pelos não residentes. Os atributos alvo de destaque pela positiva por parte dos adeptos centraram-se na gastronomia, paisagem, clima e aeroporto.

Os dados do Rally de 2013 serão apresentados em maior detalhe no primeiro trimestre de 2014.



ANDRÉ JORDAN

“A UAlg veio a ter um efeito transformador na sociedade algarvia...”

Quando a Universidade do Algarve foi fundada em 1979, tive a oportunidade de colaborar em algumas iniciativas do seu Fundador e primeiro Reitor, Prof. Doutor Manuel Gomes Guerreiro, que vem a ser o pai do Reitor, Prof. Doutor João Guerreiro, o qual dada a sua anterior experiência como Presidente da CCDDR no Algarve tem um grande conhecimento da realidade social e económica da região.

A UAlg veio a ter um efeito transformador na sociedade algarvia, possibilitando a milhares de jovens nestes 34 anos o acesso ao ensino superior.

Esta oportunidade veio, por sua vez, a dar melhores condições para o desenvolvimento do tecido económico da região, qualificando os empregos e permitindo uma melhoria significativa da produtividade.

As grandes vertentes de especialização da UAlg, que são a Economia, o Mar e o Turismo, têm sido áreas especialmente profícuas no aprofundamento da investigação e na aplicação prática da formação universitária.

Um facto relevante e, de certa forma surpreendente, é o crescente grau de internacionalização, atraindo para o Algarve estudantes da Europa e de outros continentes. Este desenvolvimento vem trazer também a interação com universidades em outros países.

Já começa a ser normal no universo do ensino superior em Portugal a colaboração e a interação entre a academia e o setor empresarial, para benefício mútuo. Os alunos beneficiam diretamente na sua formação deste contacto com o mundo real. A verdade é que estes 34 anos demonstraram não só a necessidade e a conveniência do Algarve ter a disponibilidade de uma instituição de ensino superior de qualidade, mas também de um fator de atração de investimentos, e não só no setor turístico.

É, há muito tempo, aspiração de termos no Algarve um Pólo Tecnológico instalado na zona onde se situa o *Campus* da UAlg e um dos fatores mais atrativos para esse desenvolvimento é a disponibilidade de infraestruturas desportivas, desde o golfe à vela e outros desportos praticados em arenas cobertas, o que seria uma atração importante dado o estilo de vida saudável preferido pelos que trabalham na ciência e na inovação.

André Jordan

Empresário

Doutor *Honoris Causa* da UAlg



O ‘TEATRO DA INOVAÇÃO’ NO ALGARVE: INTERESSE GLOBAL NA APRENDIZAGEM REGIONAL

Atualmente, todas as regiões, todas as cidades, são incentivadas a promover o crescimento económico através do triângulo ciência–tecnologia–inovação (science–technology–innovation – STI). O modelo STI é linear, exclusivo e impossível de alcançar com sucesso em grande parte das universidades e regiões. É necessário desenvolver um modelo alternativo que se adapte à maioria das regiões e cidades, com características menos intensivas em tecnologia. O Algarve foi a primeira região [no contexto do RIS3 – Research and Innovation Strategies for Smart Specialisation] a procurar aconselhamento sobre como adotar um modelo alternativo, de carácter mais prático, baseado numa aprendizagem ‘fazer–utilizar–interagir’ (doing–using–interacting – DUI) para criar o seu sistema regional de inovação. O modelo DUI é focado no utilizador e na procura, é não–linear, interativo e inclusivo. Como parte da estratégia RIS3 no Algarve, para acesso aos fundos europeus (FEDER, FSE, etc.), as empresas inseridas nos diversos setores terão de aprender a adotar inovações transferidas de outras entidades, internas e externas à região. As prioridades temáticas relacionadas com os pontos fortes regionais foram identificadas. A sobre–especialização no turismo ‘sol e praia’ foi reavaliada e foi preconizada uma maior e mais efetiva diversificação económica. Devido a esta estratégia, muitas outras regiões começaram a olhar para a experiência do Algarve porque essas regiões, embora disponham de potenciais modestos em termos de ciência–tecnologia–inovação, têm um quadro diversificado de oportunidades para ‘fazer–utilizar–interagir’. Como o mercado não costuma perceber essas oportunidades, a autoridade regional [leia-se, neste caso, a CCDDR Algarve] irá organizar eventos proporcionando a troca transversal de conhecimento para divulgar as linhas de inovação que podem ser adotadas pelas empresas. Desta forma, o Algarve assume–se como um dos pioneiros do ‘Teatro da Inovação’.

Prof. Phil Cooke

Centre for Advanced Studies

Cardiff University

Wales (UK) & EU RIS3 Expert Assessor for Algarve

CENTRO DE AVALIAÇÃO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

A Universidade do Algarve, através da Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo, é, desde 2004, Centro de Exames, que presta serviços à comunidade, ao abrigo de um protocolo que estabeleceu com o CAPLE da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Os exames do CAPLE constituem o Sistema de Avaliação e Certificação de Português Língua Estrangeira reconhecido pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, através do Instituto Camões, e pelo Ministério da Educação.

Distribuindo-se por três épocas (maio, julho e novembro), os exames dividem-se em cinco níveis, desde o básico até ao exame avançado. Entre 2004, quando o centro da Universidade de Algarve foi constituído, e 2010 recorriam ao centro essencialmente residentes estrangeiros, oriundos dos países do norte da Europa e de Espanha.

Em 2011, devido a restrições legais na aplicação do exame básico CIPLE (Certificado Inicial de Português Língua Estrangeira), necessário para obtenção de autorização de residência permanente ou para requerer a cidadania portuguesa, este Centro passou a desempenhar um papel fundamental para a comunidade estrangeira. Entre maio de 2011 e novembro de 2013, recorreram ao centro 754 candidatos (667 candidatos ao CIPLE). Os exames incluem várias componentes: escrita, compreensão oral e expressão oral. No total, já passaram pelo CAPLE mais de oito centenas de candidatos.

CENTRO DE LÍNGUAS INTERCULTURALIDADE, MULTILINGUISMO E TRADUÇÃO

O Centro de Línguas – Interculturalidade, Multilinguismo e Tradução (CL-IMT) do Algarve foi criado com vista ao “estabelecimento de uma estrutura que articulasse e coordenasse a formação e apoio linguísticos a prestar pela Universidade à comunidade universitária e ao público em geral, aproveitando as valências existentes, bem como as experiências das Unidades Orgânicas nesta área”.

Dentro desta dinâmica, o CL-IMT já organizou cursos de línguas para várias instituições e empresas oriundas das mais variadas áreas como hotelaria, turismo, restauração, saúde, direito, negócios e imobiliários. A maior procura tem sido os cursos de inglês e alemão, mas o mandarim começa agora a ganhar algum destaque, tendo sido feito um primeiro curso intensivo, de 30 horas, em julho, que teve grande adesão. Também já foi oferecida formação em italiano, grego e russo e, atualmente, tem preparados programas de francês e espanhol, de modo a dar resposta a algumas solicitações.

O português língua estrangeira constitui igualmente objeto de particular atenção, com a realização de cursos dirigidos a estudantes estrangeiros que escolhem tanto a UAlg, como outras universidades portuguesas para desenvolver os seus programas de mobilidade. Tendo como base a experiência acumulada, tem realizado exames para certificação de competências em línguas, designadamente os decorrentes dos protocolos celebrados com o British Council / Universidade de Cambridge, para o inglês, e com a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, para o português.

Dotado de um novo regulamento, o CL-IMT tem vindo a reestruturar-se nos últimos dois anos, com vista ao desenvolvimento da sua atividade, não apenas a nível local, mas também regional e nacional, e, desejavelmente, internacional.

“ALGARVE IS OUR CAMPUS”

A Universidade do Algarve e o Turismo do Algarve, em colaboração com Município de Faro, lançaram, no final de 2013, uma publicação em língua inglesa com o objetivo de promover a academia do Sul do país e, ao mesmo tempo, disponibilizar informação relevante sobre Portugal, o Algarve e a cidade de Faro.

Sob o lema “ALGARVE IS OUR CAMPUS – Study Where you Would Like to Live”, a publicação visa divulgar as excelentes condições que a região e a Universidade têm para oferecer aos alunos, investigadores e docentes internacionais.

A concretização desta publicação centra-se em três objetivos: dar a conhecer a oferta formativa e as linhas de investigação da UAlg, ao mesmo tempo que promove e divulga o país, em especial, o Algarve e a cidade de Faro. Por outro lado, serve de guia para todos os que escolhem este destino universitário e que, criando laços com a região, poderão vir a ser os seus “embaixadores” junto de colegas, familiares e amigos.

A brochura será distribuída junto das universidades estrangeiras parceiras da UAlg, em feiras e encontros internacionais



dedicados ao ensino superior e à investigação científica e, simultaneamente, em mostras de turismo e postos de informação turística.

Esta publicação assume assim particular importância atendendo a que a internacionalização do ensino superior tem sido, nos últimos anos uma realidade em que a UAlg se tem empenhado fortemente.

O contingente de alunos provenientes de países terceiros representa atualmente cerca de 1000 alunos, mais de 10% do total de estudantes da UAlg. Sendo que, 43% são provenientes da Europa, 23% de África, 22% das Américas e 12% da Ásia, totalizando cerca de 70 nacionalidades.

LABORATÓRIO DE AUDIÇÃO E TERAPIA DA FALA

O Laboratório de Audição e Terapia da Fala (LATF) é uma estrutura vinculada ao curso de Terapia da Fala da Universidade do Algarve. O LATF é um complexo científico-pedagógico, situado no *Campus* de Gambelas, que presta serviços de saúde à população, em regime privado ou em regime convencionado ao abrigo de protocolos estabelecidos com a Administração Regional de Saúde do Algarve e com os três Agrupamentos de Centros de Saúde do Algarve – ACES Barlavento, ACES Central e ACES Sotavento.

Durante o ano de 2012 as principais atividades do LATF compreenderam duas áreas – Audiologia e Terapia da Fala. Foram efetuados 1013 exames audiológicos, dos quais cerca de 95% ao abrigo do acordo com a ARS e 978 consultas de Terapia da Fala, das quais 85% ao abrigo dos referidos acordos de cooperação.

Através do projeto I2TEP, liderado pela Universidade de Huelva, com o apoio da União Europeia e cofinanciado pelo Programa Operativo de Cooperação Transfronteiriça Espanha-Portugal, através do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), o LATF recebeu apoio financeiro para a realização de duas ações, Rastreio da Voz e Rastreio Auditivo, e para a contratação de dois técnicos para apoio a estes rastreios.

No Rastreio da Voz, que pretendia promover e prevenir da saúde vocal dos funcionários da Universidade do Algarve, participaram voluntariamente 66 funcionários, dos quais 40 eram docentes. Em 58% dos participantes foram detetadas patologias vocais, das quais as mais frequentes foram fenda glótica e nódulos. Os resultados obtidos incentivam a necessidade da realização deste tipo de ações. Um rastreio da voz dirigido a todos os professores, desenvolvido por médicos otorrinolaringologistas e terapeutas da fala, é um excelente meio para que o professor passe a ser agente da sua própria saúde vocal. A informação disponibilizada durante o rastreio sobre a importância das consultas periódicas com um otorrinolaringologista e sobre a utilização correta da voz contribuíram para uma maior consciencialização do professor sobre o cuidado que deve ter com o seu principal instrumento de trabalho – a voz.

Com o objetivo de proporcionar uma melhor saúde auditiva, o LATF realizou um Rastreio Auditivo, em termos de prevenção, diagnóstico e aconselhamento, aos funcionários e estudantes da Universidade do Algarve. A realização do rastreio auditivo permitiu, assim, o acesso, de forma gratuita, aos cuidados básicos de saúde auditiva. Participaram 213 voluntários, entre docentes, não docentes e estudantes.

RASTREIOS GRATUITOS

O Laboratório de Audição e Terapia da Fala realiza ainda vários rastreios gratuitos (Audiológico, da Gaguez, de Motricidade Orofacial e da Voz) a toda a comunidade académica, incluindo antigos alunos.

Para promover a saúde vocal, o LATF disponibiliza aulas de técnica vocal para todos os profissionais da voz (professores, cantores, atores, telefonistas, padres e outros) que pretendam aprender a proteger o seu instrumento de trabalho e/ou a melhorar o seu desempenho vocal.



A UAlg tem desempenhado um papel fundamental na área da saúde no Algarve,

através da Escola Superior de Saúde, na formação de terapeutas da fala e enfermeiros. Finalmente, dispomos na região de uma cobertura completa de profissionais de alta qualidade formados na nossa escola. Esperamos que o Mestrado Integrado em Medicina possa igualmente trazer profissionais da área médica que tanto necessitamos para a região. Também aqui posso afirmar que dou o meu contributo na sua formação, através de estágios no serviço de Otorrinolaringologia do recente Centro Hospitalar do Algarve (CHA), do qual sou diretor.

Com a criação do Laboratório de Audição e Terapia da Fala (LATF) na UAlg abriram-se as portas à comunidade, fazendo exames de audição e terapia da fala como os que se faziam nos grandes centros, representando custos elevados para a Administração Regional de Saúde do Algarve (ARS Algarve) e grandes incómodos para os pacientes. O LATF tem também grande importância no despiste dos distúrbios da voz, procedendo anualmente a rastreios dirigidos ao corpo docente e discente.

De salientar, ainda, que o trabalho destes rastreios vai ser publicado no "Journal of Voice", publicação com grande impacto nesta área científica.

Esperamos que a tutela possa, de alguma forma, valorizar este grupo de trabalho, ajudando a completar o equipamento do LATF, para que possamos continuar a nossa missão junto da comunidade.

Ilídio Gonçalves

Diretor do serviço de Otorrinolaringologia
do Centro Hospitalar do Algarve
Colaborador do LATF

“JUNTOS SALVAMOS VIDAS”

“Juntos Salvamos Vidas” juntou mais de 400 pessoas em Faro, em maio de 2013, no âmbito de um projeto de intervenção comunitária que ensinou manobras de suporte básico de vida à população farense. A iniciativa, que assinalou simultaneamente o Dia Internacional do Enfermeiro, envolveu entre outros colaboradores, mais de uma centena de enfermeiros e estudantes de Enfermagem, que ensinaram o cidadão comum a responder da melhor forma a situações de paragem cardiorrespiratória nos adultos, um procedimento que pode fazer a diferença entre a vida e a morte.

A iniciativa foi promovida pela Escola Superior de Saúde da Universidade do Algarve e contou com o apoio e o envolvimento de diversos parceiros locais, nomeadamente o Hospital de Faro, a Administração Regional de Saúde do Algarve, a Cruz Vermelha Portuguesa, a Câmara Municipal de Faro, o Instituto Nacional de Emergência Médica, o Corpo de Bombeiros Sapadores de Faro e o Moto Clube de Faro.

GRUPO DE VOLUNTARIADO

A ESSUAlg estabeleceu um projeto de promoção de atividades de voluntariado, quer em parceria com as diversas instituições da região, quer através da implementação de projetos próprios integrados nas atividades científicas e pedagógicas da Escola.

Assim, em dezembro de 2012 foi criado o Grupo de Voluntariado da ESSUAlg, que funciona integrado no Banco Local de Voluntariado de Faro, com o objetivo de promover e dinamizar projetos, envolvendo todos os elementos da comunidade académica (alunos e funcionários, docentes e não docentes) que tenham apetência específica para as áreas da saúde e da intervenção social.

Até à data, mais de 100 interessados registaram a sua inscrição no Grupo. Desde a sua formação, os voluntários já foram solicitados para a realização de diversas atividades, como campanhas solidárias (Centro de Apoio à Vida APPC-Faro, visando a recolha de bens de primeira necessidade para crianças até 1 ano de idade), *workshops* e sessões de esclarecimento (sobre “Prevenção e orientação para as Infecções Sexualmente Transmissíveis”, “Consumo de álcool, tabaco e drogas”, “Alimentação saudável”, entre outros). Também participaram em vários rastreios organizados pela Associação de Diabéticos do Algarve.

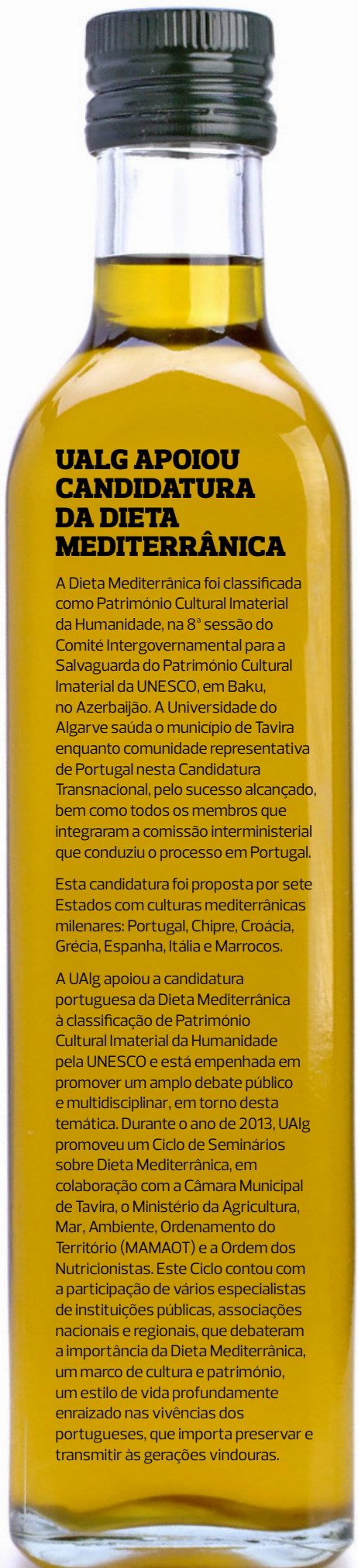
“ENERGIA SÉNIOR”

A ESSUAlg, através do seu Grupo de Voluntariado, em parceria com o Núcleo para o Envelhecimento Ativo (da ARS Algarve) e a direção do Agrupamento dos Centros de Saúde (ACES) Central, vai promover ações que permitirão aos seus voluntários colaborar com os profissionais do ACES Central. Nesta primeira fase, os voluntários poderão acompanhar a Equipa de Cuidados Continuados Integrados nas visitas domiciliárias que se realizam diariamente, reforçando o apoio social proporcionado pela Equipa.

Espera-se, num futuro próximo, o alargamento desta parceria através da implementação de outras ações, no âmbito do projeto “Energia Sénior”.

CONSULTAS DE ACONSELHAMENTO ALIMENTAR

Com os objetivos de promover uma alimentação saudável e pôr em prática a terapêutica nutricional no tratamento e/ou prevenção de doenças, os profissionais de saúde da Área Departamental de Dietética e Nutrição da ESSUAlg prestam um serviço de consultas de aconselhamento alimentar a toda a população. No decorrer da sua atividade, estes profissionais já consultaram ou aconselharam cerca de três centenas de pessoas.

A bottle of olive oil, partially filled, with a black cap. The text is overlaid on the right side of the bottle.

UALG APOIOU CANDIDATURA DA DIETA MEDITERRÂNICA

A Dieta Mediterrânica foi classificada como Património Cultural Imaterial da Humanidade, na 8ª sessão do Comité Intergovernamental para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial da UNESCO, em Baku, no Azerbaijão. A Universidade do Algarve saudou o município de Tavira enquanto comunidade representativa de Portugal nesta Candidatura Transnacional, pelo sucesso alcançado, bem como todos os membros que integraram a comissão interministerial que conduziu o processo em Portugal.

Esta candidatura foi proposta por sete Estados com culturas mediterrânicas milenares: Portugal, Chipre, Croácia, Grécia, Espanha, Itália e Marrocos.

A UAlg apoiou a candidatura portuguesa da Dieta Mediterrânica à classificação de Património Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO e está empenhada em promover um amplo debate público e multidisciplinar, em torno desta temática. Durante o ano de 2013, UAlg promoveu um Ciclo de Seminários sobre Dieta Mediterrânica, em colaboração com a Câmara Municipal de Tavira, o Ministério da Agricultura, Mar, Ambiente, Ordenamento do Território (MAMAOT) e a Ordem dos Nutricionistas. Este Ciclo contou com a participação de vários especialistas de instituições públicas, associações nacionais e regionais, que debateram a importância da Dieta Mediterrânica, um marco de cultura e património, um estilo de vida profundamente enraizado nas vivências dos portugueses, que importa preservar e transmitir às gerações vindouras.

AS ENGENHARIAS ESTÃO NO TERRENO

O Departamento de Engenharia Alimentar (DEA) desenvolveu nos últimos anos um trabalho muito próximo da indústria alimentar da região, tendo atuado principalmente na área da Enologia, no Desenvolvimento de Produtos e Análise Sensorial, no Processamento, Reologia e Embalagem, na Segurança Alimentar e Química e nos Alimentos Funcionais/Nutracêuticos.

O Laboratório de Enologia do DEA, criado em 2007 e especializado em bebidas alcoólicas, dedica a sua atividade à prestação de serviços ao exterior, à investigação e ao ensino. Anualmente, esta unidade assume o controlo de parâmetros de mais de 120 amostras, sendo que cerca de 70% são amostras de aguardentes de medronho. Os restantes serviços incidem em análises a aguardentes de frutos ou vegetais, licores, vinhos e a compostos voláteis de substâncias diversas, usando como principal técnica a cromatografia gasosa.

O Laboratório de Enologia também desenvolveu a produção de aguardente de batata-doce de Aljezur. Realizou análises de voláteis de fermentados de medronho, analisou a aguardente de Monstera deliciosa (fruto da planta costela de Adão) e os voláteis por microextração em fase gasosa de vinhos licorosos do Algarve. Têm também sido desenvolvidas e/ou otimizadas, por solicitação da comunidade, outras bebidas alcoólicas, como aguardente de figo lampo e licores diversos.

A colaboração com a comunidade estende-se ainda a outros níveis, designadamente com as escolas da região, no que diz respeito à realização de estágios curriculares, bem como à realização de trabalhos com recurso a equipamento específico nas instalações da UAlg.

Alunos do Curso de Técnicos de Análise da Escola Tomás Cabreira, de Faro, têm realizado estágios no Laboratório e, pontualmente, alunos de outros estabelecimentos de ensino da região desenvolvem os seus trabalhos na área das bebidas alcoólicas recorrendo ao uso de equipamento específico nas instalações da UAlg.

Também outros laboratórios que integram o Departamento de Engenharia Alimentar têm desenvolvido um trabalho de extrema relevância junto das empresas algarvias.

O Laboratório de Química e Alimentos Funcionais/Nutracêuticos tem prestado dezenas de serviços a empresas da região, tendo realizado diversas análises sobre a caracterização química e composição

nutricional de amostras de origem diversa, tais como: farinha de alfarroba, orégãos, mel, água, azeite, sal, salmoura, bagaço de azeitona, concentrado de capilé, concentrado de groselha, flor de sal, rações, mexilhão, carne de cabrito, carne de borrego e folhado de Loulé. Diversas empresas têm igualmente recorrido ao Laboratório de Microbiologia/Segurança Alimentar para analisar diversos tipos de micro-organismos, de modo a avaliar o produto em termos de segurança alimentar, com a pesquisa de agentes causadores de doenças em mais de uma centena de amostras de produtos, como concentrado de groselha, flor de sal, ovos-moles, sopas, xarope de groselha, azeitona britada, xaropes, entre outros.

Os Laboratórios de Desenvolvimento de Produtos e Análise Sensorial e de Processamento, Reologia e Embalagem têm também prestado inúmeros serviços a empresas, principalmente na caracterização dos produtos, análise sensorial, determinação do tempo de prateleira/prazo de validade e estudos de desenvolvimento, de otimização de sabor e textura e respetivo *scale-up* para produção fabril. Entre os produtos que foram objeto de estudo destacam-se o doce de batata-doce, pickles e zacusa, alimento para larvas de peixe, algas marinhas, sandes e croissants para *vending*, compostos de flor de sal *gourmet*, xarope de groselha e de capilé, barras de cereais, folhado de Loulé, bolos regionais algarvios, xaropes diversos e melação de casca de laranja.

O Departamento de Engenharia Mecânica (DEM) do Instituto Superior de Engenharia da UAlg mantém uma estreita colaboração com empresas da região, designadamente com as do ramo automóvel, da energia, da manutenção, da hotelaria.

A grande maioria dos quadros técnicos e superiores destas empresas é constituída por engenheiros formados nesta instituição. Também os docentes do DEM mantêm contacto com estas empresas, participando

na formação contínua dos seus quadros superiores, através da lecionação de cursos específicos. A título de exemplo, podem ser destacadas as 22 edições do Curso de Formação de Peritos Qualificados no âmbito do Sistema Nacional de Certificação Energética e da Qualidade do Ar Interior em Edifícios, na vertente RCCTE, frequentado por 170 profissionais, ou o Curso de Formação de Peritos Qualificados no âmbito do Sistema Nacional de Certificação Energética e da Qualidade do Ar Interior em Edifícios, na vertente RSECE – Energia, que já conta com 6 edições, somando 100 participantes.

Os docentes do DEM têm participado em inúmeros projetos de grande relevância para o desenvolvimento regional, como a Reconversão Energética das Unidades Hoteleiras da Região do Algarve (INOVALGARVE, n.º 03-01) ou o Projeto de utilização de Energia Solar nas Escolas do Ensino Básico, 2 e 3, do Algarve (INOVALGARVE, n.º 03-02).

A interação empresarial do DEM com a região é também reforçada através dos mais de 80 protocolos assinados com empresas algarvias, designadamente 40 empresas do setor das Energias, 25 empresas da área da manutenção e 15 do ramo automóvel. Estas parcerias permitem a concessão de estágios, a cedência de equipamentos para uso em aulas práticas, a lecionação de aulas, a realização de seminários e exposições, entre outros.

Dos laboratórios que constituem o Departamento de Engenharia Mecânica, destaca-se o RECUPERA – Laboratório de Caracterização Energética e Ambiental de Recuperadores de Calor para Lareira, criado em 2003 no âmbito do projeto InovAlgarve. Acreditado pelo IPAC e referenciado internacionalmente pelo IPQ, o RECUPERA contou com o apoio do programa INTERREG III e desenvolveu um conjunto de prestações de serviços à comunidade, tendo estabelecido uma estreita ligação com o laboratório CEIS – Centro de Ensayos, Innovación y Servicios de Madrid, em Espanha.



Na área de engenharia civil, a interação da instituição com a região desenvolve-se em diversos âmbitos. Dos inúmeros trabalhos realizados incluem-se avaliações técnicas de construções existentes, não só para entidades públicas, mas também para entidades particulares, ao nível da análise dos respetivos projetos, do diagnóstico das manifestações de patologia construtiva e das soluções de reabilitação mais apropriadas.

Foram realizados vários ensaios de materiais de construção ou soluções construtivas inovadoras, no setor empresarial, com particular incidência na pesquisa da respetiva sustentabilidade, destacando-se também o apoio a outros cursos, designadamente de formação profissional na área da construção civil.

O departamento integra também o Laboratório de Materiais de Construção (LMC) que tem constituído um importante instrumento para o controlo da qualidade da construção na região. Das grandes obras de referência no Algarve em que colaborou, quer a nível de ensaios de laboratório, quer de ensaios no terreno, destacam-se as seguintes intervenções: Estádio do Algarve, Teatro Municipal de Faro, Escola EB1N.º5 de Loulé, Biblioteca Municipal de Tavira e o Parque da Pontinha, em Faro. Relativamente à sua atividade no âmbito do controlo da qualidade de materiais

de construção, nos últimos 20 anos de atividade, o laboratório tem realizado inúmeras experiências, o que se traduz numa média anual de cerca de 2400 ensaios, principalmente ao betão. Salienta-se ainda a participação nos ensaios interlaboratoriais de cimentos, desde 1994, promovidos pela Associação Técnica da Indústria do Cimento (ATIC). O Departamento de Engenharia Civil tem ainda um Laboratório de Informação Geográfica que já desenvolveu projetos como a monitorização dos aterros sanitários do Sotavento e Barlavento (Algar), a monitorização da barragem agrícola do "Pessegueiro" (DRAAlg), a elaboração da rede topográfica do Parque das Cidades, Loulé-Faro, e o levantamento de aterros sanitários encerrados no sotavento e barlavento algarvio (Algar). Este laboratório presta serviços à comunidade no âmbito da implementação e exploração de Sistemas de Informação Geográfica, aquisição de informação e produção cartográfica, aquisição de informação geográfica por GPS, restituição fotogramétrica, ortorretificação e numeração de informação cartográfica.

O Departamento de Engenharia Elétrica e Eletrónica tem desenvolvido esforços no sentido de tornar efetiva a transferência de tecnologia para as empresas, criando parcerias que têm resultado na criação de produtos e serviços inovadores de alto valor acrescentado.

Desde 2012, foram aprovados e estão em execução 5 projetos QREN em co-promoção, com mais de 1M€ de financiamento. Estes projetos são coordenados por docentes do departamento e integram alunos, na sua maioria, de mestrado. Os licenciados em Engenharia Elétrica e Eletrónica sempre tiveram um grande nível de empregabilidade e aceitação no mercado, em particular nas empresas do Algarve ou com operações locais, quer em PME, quer em grandes empresas, tais como PT, EDP, Operadoras Móveis, ANA, Siemens entre muitas outras.

Um outro ponto de ligação com as empresas são as jornadas técnicas de engenharia. Nos últimos anos realizaram-se 14 edições, que contaram com uma média de 700 participantes, dos quais cerca de metade correspondem a quadros das empresas locais.

NA PROCURA DE MELHORES TARIFÁRIOS PARA O CONSUMO ELÉTRICO

"Managing The Intelligence" é o título do projeto financiado pelo QREN (I&DT, n.º 30260), cujo promotor é a Certigarve – Projetos e Instalações Especiais, em colaboração com a Universidade do Algarve.

Em que consiste este projeto? O sistema de produção de energia elétrica tem-se caracterizado, até hoje, por um esquema de geração centralizado, unidirecional e contendo medidas de incentivo e controlo sobre a procura de consumo. Com o recente desenvolvimento de novos equipamentos de geração e controlo verifica-se uma mudança gradual deste modelo, para outro denominado de *Smart Grid* em que a geração de eletricidade distribuída, geralmente de baixa potência, começa a integrar-se de uma forma eficaz com a rede já existente e não apenas com a entrega da eletricidade produzida.

Um dos desafios colocado pela geração decorrente de energias renováveis é que a sua produção, uma vez que depende de fatores ambientais, deixe de ser totalmente controlada. Nesse sentido, um novo conceito, que se baseia em ajustar o consumo em função da produção, por exemplo através de tarifários variáveis,

tem vindo a ganhar força. Mas para que tal venha a ser possível é necessário desenvolver uma série de equipamentos que consigam comunicar entre si e com a rede de distribuição, utilizando protocolos normalizados, gerindo os consumos de uma forma otimizada, em função dos tarifários previstos, refletindo assim as preferências dos utilizadores.

Neste âmbito, o projeto "Managing The Intelligence" realiza atividades de investigação e desenvolvimento para criar uma solução que, recorrendo à integração de diversos domínios de investigação atuais, tais como a *Internet of Things*, Redes de Sensores, Energias Renováveis e Tecnologias de Informação, faça de cada empresa ou habitação um elemento chave das *Smart Grids*, reduzindo os custos com o consumo de eletricidade e maximizando os investimentos realizados em energias não poluentes.

Jânio Monteiro, docente do Instituto Superior de Engenharia da UAlg e coordenador do projeto, explica-nos: "a Internet, que até há poucos anos era uma forma de interligar pessoas, está, cada vez mais, a incluir a interligação de dispositivos de eletrónica, identificada em Inglês por *Internet*

of Things. Essa nova possibilidade traz com ela novos conceitos, como as *Smart Cities* e as *Smart Grids*, onde equipamentos inteligentes e capazes de interagir entre si poderão reconfigurar-se, refletindo as preferências dos utilizadores." Assim, nos próximos anos assistiremos à introdução de eletrodomésticos ditos inteligentes (*Smart Appliances*) que serão capazes de ajustar o seu consumo ao tarifário em vigor ou à produção própria da habitação. Mas para que os eletrodomésticos não funcionem todos ao mesmo tempo, ultrapassando a potência contratada e fazendo disparar os dispositivos de proteção no quadro elétrico, é necessário que se coordenem entre si através de algoritmos de escalonamento otimizados. Isso significa que as máquinas de lavar, termoacumuladores, bombas de piscina, sistemas de ar condicionado, entre outros, comuniquem em rede para funcionarem mais cedo, mais tarde ou ajustando o nível de consumo, procurando as alturas em que há produção fotovoltaica ou eólica na habitação ou procurando os tarifários mais vantajosos. É nesse âmbito que está a trabalhar a equipa de Investigadores da Universidade do Algarve.

OTIMIZAÇÃO DAS FROTAS DE DISTRIBUIÇÃO

A gestão inteligente de frotas de distribuição é definida não só pela otimização dos custos inerentes, mas também pela observação do que se pretende distribuir. No caso das frotas de veículos frigoríficos para transporte de frescos e congelados, a especificidade é elevada, pois é necessário manter a qualidade dos produtos, satisfazendo os critérios de segurança e higiene impostos na lei e exigidos pelas empresas fornecedoras e pelos próprios clientes.

A X4DEV, empresa que resultou de uma parceria entre a Aviludo e a Algardata com o objetivo de desenvolver software específico para o mercado da logística e distribuição, detetou nas suas atividades de I&D a necessidade de desenvolver ferramentas particulares de gestão de frotas para a distribuição de produtos frescos. É nesse sentido que a X4DEV e a Universidade do Algarve, através do projeto **Intelligent Fresh Food Fleet Router** (i3FR), financiado pelo QREN (I&DT, n.º 34130), estão a desenvolver um produto inovador de otimização, já que será um dos primeiros a ser criado especificamente para a distribuição de produtos por uma frota de veículos com câmaras frigoríficas.

Nesse âmbito, estão a ser desenvolvidos para o i3FR um módulo de otimização de rotas de distribuição e um módulo de aquisição de dados de temperatura dentro das câmaras frigoríficas dos veículos



de distribuição. A integração dos módulos permitirá uma gestão mais efetiva das rotas de transporte, tendo em conta não só a localização e restrições dos clientes, mas também das próprias condições do transporte.

Segundo Pedro Cardoso, docente do Instituto Superior de Engenharia e coordenador do projeto, as mais-valias desta investigação traduzir-se-ão na melhoria da qualidade e eficiência da distribuição, na otimização dos custos associados às distâncias percorridas, na diminuição da duração das rotas e na diminuição da pegada de carbono. Todos estes fatores têm particular importância em regiões temperadas, onde os veículos e as próprias câmaras frigoríficas são, por norma, dependentes de motores de combustão para o seu arrefecimento. Em suma, o i3FR irá aumentar o grau de satisfação tanto dos distribuidores, como dos próprios consumidores.

LABORATÓRIOS PRESTAM SERVIÇOS À COMUNIDADE



LABORATÓRIO DE ANÁLISES QUÍMICAS

Em funcionamento desde outubro de 2000, o Laboratório de Análises Químicas (LAQ) tem como objetivo prestar serviços analíticos na componente ambiental, a entidades exteriores à Universidade do Algarve, e de dar apoio nesta área a projetos de investigação e à formação pós-graduada das diferentes Faculdades e Escolas da UAlg. Este laboratório aplica um vasto conjunto de metodologias operacionais, focando-se nos principais problemas de qualidade da água, mas também na análise de solos, de sal marinho, de tecidos de animais e plantas, entre muitos outros.

Nos últimos 13 anos analisou mais de 27 mil amostras das mais diversas proveniências, tendo uma vasta carteira de clientes, da qual constam algumas das maiores empresas a operar na região (Águas do Algarve, Rolear, Vatel) e um elevado número de particulares.



LABORATÓRIO DE ENGENHARIA SANITÁRIA

Em 1999 foi criado o Laboratório de Engenharia Sanitária (LES), o primeiro no Algarve a ser acreditado pelo Instituto Português de Acreditação (IPAC), em Julho de 2002 (L0306), para ensaios de águas. Desde setembro de 2003 estendeu a sua Acreditação aos ensaios realizados *in situ* de forma a dar resposta às novas solicitações das empresas da região, mantendo sempre a liderança nos serviços prestados e na investigação aplicada.

O LES opera na interface ambiente/saúde pública, e conta já com um vasto leque de intervenções, dando cumprimento às exigências das diretivas comunitárias no controlo sanitário de águas naturais e tratadas, de piscinas públicas e privadas, na monitorização ambiental de aterros sanitários, em estudos das escorrências de autoestradas, no controlo sanitário de águas portuárias, na monitorização de água para rega, etc.

O LES é o laboratório de referência no Algarve do Código das Boas Práticas Agrícolas e da Plataforma do Golfe da UAlg, onde assegura todo o controlo analítico das águas, solos e foliares.

ARTES E COMUNICAÇÃO FORA DO CAMPUS

DESDE A SUA CRIAÇÃO, QUE UMA DAS GRANDES PRIORIDADES DO **CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM ARTES E COMUNICAÇÃO (CIAC)** TEM SIDO FOMENTAR A RELAÇÃO COM A REGIÃO, PROMOVENDO UMA APROXIMAÇÃO ENTRE COMUNIDADE ACADÉMICA E PÚBLICO EM GERAL.

Extrapolando os muros da academia, o CIAC tem estabelecido protocolos com diversas entidades, um pouco por toda a região. Com a Câmara Municipal de Faro estabeleceu uma parceria para, juntamente com o curso de Artes Visuais, gerir a programação da Galeria Trem, uma das mais emblemáticas da cidade farenses. Ao longo do último ano foram desenvolvidas neste espaço sete exposições, prevendo-se um maior fluxo de atividade artística nos anos que se seguem. Também a Câmara Municipal de Loulé tem acolhido alguns eventos do CIAC, nomeadamente, a exposição anual dos Finalistas do Curso de Artes Visuais, realizada desde há dois anos no Convento de Santo António, em Loulé.

Adicionalmente, o CIAC procura manter uma estreita relação com o tecido empresarial da região através da sua colaboração com o CRIA – Centro Regional para a Inovação do Algarve, fomentando um incentivo à transferência de tecnologia e empreendedorismo por parte dos seus investigadores, participando, inclusive, em algumas iniciativas nacionais e internacionais como é o caso da “Noite dos Investigadores”. Ao nível regional o centro mantém ainda parcerias com a Oficina Bartolomeu Santos, com a Associação Grémio das Músicas, com a Fundação Manuel Viegas Guerreiro e com a Rádio Universitária do Algarve, encontrando-se em desenvolvimento o protocolo/parceria com o Centro de Ciência Viva do Algarve. Têm sido mantidas colaborações com a Biblioteca Municipal de Faro e a Biblioteca Municipal de Tavira, com a Algarve Film Comissão, a Associação Cultural Ar Quente e a Associação de Músicos do Algarve.

A organização de eventos na região tem sido um dos pontos-chave da atuação do CIAC, tendo sido organizadas várias iniciativas ao longo dos últimos anos, em colaboração com diversos organismos da região. Realizaram ciclos de Artes Visuais, que trouxeram à região vários artistas, curadores e galeristas para falar dos seus trabalhos, do mercado e da situação das artes em Portugal. A arte e os seus artistas também se deram a conhecer através de várias exposições (*Politically Excited, P&B, É perigoso olhar para dentro, A Branco e Preto, As coisas que não existem são mais bonitas, O elogio da imortalidade, Impróprio para consumo, Play, TAO*).

Para dar a conhecer ao público em geral a investigação realizada no centro e promover um diálogo entre os investigadores, também se realizaram as Jornadas de Investigação do CIAC. Com o intuito de proporcionar aos artistas a possibilidade de desenvolverem o seu trabalho artístico em contexto de *site specific*, o CIAC também realizou Residências Artísticas, de que é exemplo a Réplica – Ciclo de Gravura Contemporânea.

O Curso Livre “Revisitar o Canto de Intervenção”, realizado semanalmente, em sessões de 90 minutos, na Biblioteca Municipal de Tavira, dirigido ao público em geral, deu a conhecer o canto de intervenção em Portugal, integrando-o no movimento internacional.

Tem realizado várias conferências, seminários e palestras, dirigidas à sociedade em geral, e *Workshops* sobre variados temas, como “Cultura Low Cost em tempos de crise”.

UMA ORQUESTRA PARA TODO O SUL



A Universidade do Algarve é um dos fundadores da Orquestra do Algarve, atual Orquestra Clássica do Sul, juntamente com a Região de Turismo do Algarve, em parceria com os municípios de Albufeira, Lagos, Portimão, Faro, Tavira e Loulé. Criada em 2002, ao abrigo de um concurso público promovido pelo Ministério da Cultura, estreou-se em 16 de junho do mesmo ano, durante o Festival Internacional de Música do Algarve. Desde então já realizou várias digressões no país e no estrangeiro e já gravou dois CDs para a etiqueta Naxos (“a etiqueta mais vendida no Mundo”, de acordo com o New York

Times), um para a etiqueta Marco Polo e outro para a etiqueta Numérica. Em novembro de 2006, a Orquestra do Algarve lançou o seu quinto CD, duplo, de edição própria, com obras de Mozart. Já em setembro de 2013, a Orquestra do Algarve dá origem à Orquestra Clássica do Sul, com o objetivo de consolidar a sua implementação nas regiões algarvia e espanhola da Andaluzia e alargar a sua atividade às regiões do Alentejo e da Península de Setúbal, oferecendo uma programação diversificada e de elevada qualidade artística. Tem como maestro titular e diretor artístico Cesário Costa.

UMA BIBLIOTECA PARA A REGIÃO



A Biblioteca da Universidade do Algarve é uma estrutura que alberga quatro unidades documentais situadas no *Campus* de Gambelas, *Campus* da Penha, Escola Superior de Saúde e *Campus* de Portimão, constituindo uma das maiores Bibliotecas do Sul do País. Disponibiliza um leque alargado de serviços de apoio ao estudo e investigação, dirigidos à comunidade académica, mas também à comunidade em geral, com destaque para a população da região. Neste momento oferece o acesso a cerca de 200 mil documentos impressos (monografias, periódicos, teses, etc.), ao repositório institucional *Sapientia*, compilando e divulgando a produção científica da UAlg e a cerca de 50 mil títulos em formato digital através de bases de dados, empréstimos domiciliário e interbibliotecas, formação de utilizadores, atividade cultural, entre outros. Assumindo-se como uma Biblioteca com caráter regional, privilegia e fomenta uma relação regular com autarquias, a Rede de Bibliotecas Públicas, a Rede de Bibliotecas Escolares e a Rede de Museus do Algarve, através da troca de documentação e exposições, parcerias na realização e atividades culturais, acolhimento e apoio à organização dos vários Encontros da Rede de Bibliotecas Escolares do Algarve, organização de sessões de discussão partilhada sobre a biblioteconomia, mas transversais às diversas tipologias, e promoção de projetos dirigidos às escolas dos diferentes níveis de ensino. Por outro lado, numa vertente de preservação e divulgação da memória coletiva da região, a Biblioteca da Universidade do Algarve acolhe vários espólios bibliográficos e documentais de figuras marcantes, que servem de base a trabalhos de investigação, permitindo estudar, conhecer e reconstituir períodos significativos da história do Algarve, nomeadamente a coleção de Joaquim Magalhães, Leonel Neves, Maria Aliete Galhoz, Teresa Júdice Gamito ou a "Algarviana" reunida por Mário Lyster Franco e cedida pela Região de Turismo do Algarve.



Ao longo destes 34 anos, a Universidade do Algarve foi ganhando credibilidade e confiança na região.

A fixação de investigadores e a criação de conhecimento sobre áreas chave – Turismo, Mar e Cultura (entre outras) – do desenvolvimento regional, bem como a qualificação de quadros técnicos são dois fatores que marcam a diferença e que contribuem para a afirmação da instituição como parceira vital na definição da estratégia regional. Numa região periférica, como é o Algarve, o papel da Universidade do Algarve de vir, paulatinamente, a criar massa crítica regional tem sido fundamental para a construção de uma cidadania (mais) ativa e para criar uma visão prospetiva para a região, alicerçada no conhecimento.

A Universidade do Algarve tem permitido (e deverá aprofundar esse caminho) refletir e produzir conhecimento sobre a região, trazendo um "sexto olhar, aquele que nunca terá serenidade, que nunca se compraz por inteiro (...) e sempre inquieta" (Lídia Jorge, 1993) é esse, em nosso entender, verdadeiramente o seu papel o de ser a voz que inova, inquieta e investiga, contribuindo para o desenvolvimento da região (e não só).

Conscientes dessa importância, a Direção Regional de Cultura do Algarve e a Universidade do Algarve assinaram um protocolo (maio de 2010) que tem como objetivo "incrementar a relação entre o meio académico e cultural". Nesse sentido, destaco, em primeiro lugar, a parceria que se iniciou (ainda em 2010) para pensar e desenhar a estratégia cultural para o Algarve 2020, organizada em três ciclos de debate: *Cultura em Conferência* (2010/2011) – um ciclo de debates dedicados às questões da política e gestão culturais; *Quintas de Cultura* (2011) – ciclo de debates dedicados à criação artística na região; e, um último ciclo, *Travessas de Cultura* (2012) dedicado à economia da cultura. Culminando esta parceria na edição de dois livros (2011 e 2013) sobre os dois primeiros ciclos de debate. Esta ligação entre o centro do conhecimento regional, a Direção Regional de Cultura e os fazedores regionais de cultura permitiu (des)construir ideias e colocar a cultura como parceiro no desenvolvimento e estratégia regionais.

Destaco, ainda, outras duas áreas em que a Direção Regional de Cultura do Algarve é parceira da Universidade do Algarve: a formação, ao receber estágios curriculares, uma forma de proporcionar um contexto de trabalho aos alunos mas, igualmente, de ter novos olhares sobre o nosso trabalho e de receber *inputs* (na sua maioria) muito positivos; e, a dinamização cultural, através de protocolos específicos que permitem uma maior difusão das atividades culturais, nomeadamente com a RUA (Rádio Universitária) ou com o Coro da Universidade, permitindo diversificar a oferta cultural e a programação dos monumentos e, simultaneamente, dando novos palcos ao Coro.

Resumo, dizendo que estas parcerias são fundamentais porque fazem (podem fazer) a "diferença desejada" e são uma "obrigação de renascer, de respirar", nas palavras do poeta António Ramos Rosa.

Dália Paulo
Gestora cultural



ALGARVE ATIVO

O Projeto Escola Ativa, concebido pela área científica de ciências do desporto da Escola Superior de Educação e Comunicação, no âmbito do Programa de Combate à Obesidade Infantil da Região do Algarve, conquistou o Prémio Nacional – Hospitais do Futuro, na categoria de prevenção da obesidade em 2008/2009.

Este projeto é de abrangência regional, e baseia-se num conceito integrado de promoção e adesão relativamente à quantidade e qualidade da prática de atividade física e desportiva na população infantil, favorecendo a formação de indivíduos com estilos de vida mais ativos e saudáveis. Desenvolve-se através de estratégias cognitivo-comportamentais e envolve a participação da comunidade escolar, das famílias, dos profissionais de saúde e das autarquias. A Escola Ativa foi implementada no ano letivo de 2008/2009, em parceria com a Administração Regional de Saúde do Algarve, Direção Regional de Educação do Algarve e as Câmaras Municipais do Algarve. No ano letivo de 2012/2013 estiveram envolvidas 66 escolas e cerca de 25000 alunos dos 16 concelhos do Algarve.

DESPORTO PARA A REGIÃO

O programa Faro Ativo da Câmara Municipal de Faro tem sido desenvolvido com a consultadoria técnico-científica do curso de desporto da UAlg. Este programa procura, por um lado, sensibilizar a população para a importância da aquisição de hábitos de vida saudáveis, por outro, promover e reorganizar a atividade física, tornando-a uma prática quotidiana ao longo de toda a vida, de modo a contribuir para a satisfação e melhoria da qualidade de vida de todos os cidadãos. No decorrer do curso e no âmbito dos estágios curriculares, as ciências do desporto da UAlg já realizaram protocolos com diversas instituições, como as Câmaras Municipais de Faro, Vila Real de Santo António, Lagos, Portimão, Tavira e Albufeira, nas quais os alunos têm desenvolvido projetos. Também já trabalharam com a Direção Regional de Educação, a Associação de Futebol do Algarve, o My Center, o Club L, o Wellness point, o Aldeamento Golden e o Hotel Montechoro. A nível de clubes já realizaram parcerias com a Geração de Génios, a Quatro ao Cubo, a Tavira Raquete Clube, o Clube de Natação de Tavira e o Clube de Natação de Loulé.

A formação na área do desporto da ESEC-UAlg tem procurado potencializar o facto de o Algarve pelas suas características ser um local privilegiado para formação na área dos desportos náuticos. A valorização da aquisição de competências ao nível das práticas desportivas náuticas, tanto ao nível da formação académica de base como ao nível da sua contextualização nos mercados profissionais, tem sido possível através do desenvolvimento de parcerias com várias organizações, nomeadamente a Divisão de Desporto da Câmara Municipal de Faro, o Ginásio Clube Naval e o Clube de Surf de Faro. Atualmente, a área de Desporto da UAlg encontra-se a desenvolver um conceito de produto turístico inovador em torno dos desportos náuticos – Estação Náutica, no âmbito do **Projeto Barril**, que conta com a parceria da Universidade do Algarve.



UMA RÁDIO DE GRAU SUPERIOR 11 ANOS A EMITIR PARA O ALGARVE



A Rádio Universitária do Algarve (RUA), a transmitir em 102.7 FM, nasceu em novembro de 2002, no âmbito de uma parceria entre a Associação Académica e a Reitoria da Universidade do Algarve.

Pedro Duarte, diretor de Antena da RUA FM, destaca que o balanço destes 11 anos de emissão é positivo. Refere que "o caminho foi longo e complicado. Ao longo destes anos de emissão, de âmbito regional, a RUA tentou criar ligações com os seus ouvintes, sem descurar os que ainda podem vir a ser, transmitindo o que se passa na região e na Academia, trabalhando todos os dias para atingir os seus objetivos. Este exercício levou a RUA FM a trazer alguns profissionais de rádio até à UAlg para apresentarem as suas visões: João Paulo Meneses (TSF), Madalena Balça (Antena1), António Mendes (RFM), António Pires (Jornalista) e Fernando Alvim (Antena 3).

A RUA também tem assumido uma vertente de serviço público, até pelo tipo de financiamento que recebe, com a disponibilização de espaço para o experimentalismo, debate de assuntos regionais e académicos, divulgação de nova música nacional ou de outras proveniências, cultura, etc.. O diretor de antena considera que,

num serviço público, a escolha da sua grelha não deve ter como base uma decisão comercial ou baseada em audiências, mas deve ter a preocupação de ser apresentada em formatos que sejam apetecíveis ao público.

Questionado sobre a contribuição da RUA para a região, Pedro Duarte explica que esta rádio, acima de tudo, tentou ser mais um canal de divulgação do que acontece e se faz no Algarve. "A cultura e a música são as nossas áreas principais, mas sempre procurámos dar destaque ao que acontece com as associações e entidades regionais. É habitual passarem pela RUA, não só para darem a conhecer a sua missão, mas também as ações que promovem". Ao longo dos anos a RUA foi-se tornando parceira de muitos dos agentes e promotores culturais algarvios. Estabeleceu algumas parcerias, pontuais ou mais duradouras, com meios de comunicação regionais (Barlavento, Observatório e Sul Informação) para que essa promoção pudesse ser ampliada.

"Quero acreditar que também ajudámos a mostrar um outro lado da UAlg que, para muitos, continua escondido, a investigação e a transferência de Tecnologia, através do CRIA, que foi uma das primeiras estruturas da UAlg a receber retorno do que é transmitido na RUA", esclarece.

"Vemos a Menção Honrosa, atribuída pela Câmara Municipal de Faro, em 2012, como um reconhecimento do trabalho que, aos poucos, temos feito por Faro e pela região", conclui Pedro Duarte.

UALG LANÇOU PORTAL DE EMPREGO

A Universidade do Algarve lançou, em 2013, um novo Portal de Emprego, que integra a rede internacional "Trabalhando", presente em 11 países ibero-americanos e que oferece cerca de 200 mil oportunidades mensais de emprego. Até ao momento já se inscreveram na bolsa de emprego da UAlg cerca de 1800 alunos e mais de 40 empresas.

Nesta nova plataforma – <http://emprego.ualg.pt> – apenas podem aceder alunos e ex-alunos da UAlg e as ofertas de emprego aí colocadas correspondem, desde logo, a solicitações de empresas interessadas em quem estudou ou estuda nesta Instituição, embora também fiquem acessíveis ofertas colocadas em toda a Rede Trabalhando. Também para as empresas, passa a ser mais fácil contactar os alunos da UAlg, uma vez que poderão publicar anúncios nesta plataforma de forma autónoma, garantindo que os mesmos são exclusivos para alunos e/ou ex-alunos da UAlg.

Além das funcionalidades para estudantes e empresas, este portal de emprego também dá à UAlg ferramentas que permitem melhorar os serviços de apoio à Inserção Profissional destinada aos universitários. A Universidade passa agora a ter informação sobre que empresas estão a contratar, que tipo de ofertas e quais as áreas mais procuradas, para além da atualização dos currículos. Também passa a ter acesso a dados extracurriculares dos seus alunos, como línguas ou atividades de voluntariado, importantes para enriquecer o currículo e perceber as competências que são valorizadas pelo mercado. Os *alumni* também terão acesso ao portal, ficando assim a Universidade com informação sobre a sua atividade profissional.



UALG
EXPERIENCE

A UNIVERSIDADE VAI À ESCOLA

Criada há mais de uma década e constituída por docentes, a iniciativa **Equipa UAlg** tem realizado centenas de palestras e atividades de carácter científico nas escolas básicas e secundárias do Algarve. Este projeto, que leva a universidade fora de portas, proporciona uma formação complementar que permite aos professores dinamizar as suas aulas e as próprias escolas. Desde o ano letivo 2002/2003 que a Universidade do Algarve promove a Equipa UAlg, um projeto que consiste num conjunto de palestras e outras ações gratuitas e informais, realizadas pelos seus docentes e destinadas aos alunos e professores do ensino básico e secundário.

Estreitar relações entre o ensino superior e os outros níveis de ensino, proporcionar a outros públicos um conhecimento mais aprofundado em áreas científicas diversificadas e sensibilizar para a importância do ingresso no ensino superior são os principais objetivos da iniciativa. Ao longo destes dez anos de existência, a Equipa UAlg tem colaborado fortemente com o ensino básico, secundário, privado e profissional da região, através da oferta de centenas de títulos distribuídos por diversas áreas temáticas, o que se traduz na realização de cerca de quase 900 palestras. Todos os anos mais de 3000 jovens das escolas da região participam em atividades promovidas

no âmbito desta iniciativa, onde para além da matéria científica apresentada pelos docentes e investigadores da Universidade, os alunos têm também acesso a informações sobre a oferta formativa da UAlg.

Atualmente, a iniciativa conta com a colaboração de 60 docentes da UAlg e disponibiliza gratuitamente palestras, atividades experimentais, visitas de estudo e formação para professores que poderão ser integrados nos programas das disciplinas das escolas. Os temas são definidos consoante as faixas etárias e o nível de formação dos destinatários. Aprender mais sobre "A física do som e da música", organizar uma visita de estudo "À descoberta da agricultura", "Conhecer o nosso mar", observar como funciona a "Visão por computador", saber se "Há formigas nos telefones" ou "Porque se justifica tirar um curso superior" são alguns dos temas que os professores poderão encontrar na oferta da Equipa UAlg.

Trata-se de um serviço prestado à comunidade exterior e de uma das formas de dar a conhecer a Universidade, através do contacto de professores universitários com alunos de outros níveis de ensino, que em alguns casos, poderá resultar no despertar de vocações e estimular a prossecução de estudos para o ensino superior.

SAÚDE ESCOLAR

A ESSAUAlg tem colaborado com várias Escolas Secundárias do Algarve em temáticas relacionadas com a sexualidade e o *bullying*. Já realizou várias sessões sobre Alimentação, "Comer bem é mais divertido", e desenvolveu um projeto de intervenção em Saúde Escolar, em parceria com as escolas dos agrupamentos da Sé e Dr. Joaquim de Magalhães, em Faro.

CURSOS DE VERÃO

A Universidade do Algarve realiza anualmente cursos de verão em diversas áreas de estudo. Em 2013, cerca de 150 jovens do ensino secundário tiveram a possibilidade de aperfeiçoar os seus conhecimentos e contactar com as diversas áreas de estudo e investigação, ajudando-os na sua escolha vocacional. Sob a responsabilidade da Escola Superior de Saúde, da Escola Superior de Educação e Comunicação, do Instituto Superior de Engenharia, da Faculdade de Economia e da Faculdade de Ciências e Tecnologia, mais de uma dezena de cursos em áreas como Tecnologias da Saúde, Economia e Gestão, Design e Engenharias proporcionaram aos intervenientes a oportunidade de participar em experiências, sessões complementares e outras atividades, em vários espaços e laboratórios da UAlg, proporcionando-lhes, assim, uma experiência diferente e única.

REDE DE PARTILHA CIENTÍFICA DO ALGARVE

O **Centro de Ciências do Mar da Universidade do Algarve (CCMAR)** desempenha um papel ativo junto de escolas da região na divulgação das ciências marinhas e na sensibilização para melhores práticas ambientais e conservação dos recursos.

Desde o início da sua atividade, o CCMAR já recebeu a visita de mais de 300 alunos. No Centro também já realizaram estágios prolongados de duas semanas, no verão (Ocupação Científica de Jovens), cerca de

90 jovens. Os investigadores do CCMAR já realizaram mais de duas centenas de palestras nas escolas do Algarve.

O projeto "Rede de Partilha Científica do Algarve" pretende dar continuidade aos programas levados a cabo junto das escolas nos últimos anos e tem como objetivos principais promover o ensino experimental e despertar o interesse dos alunos do ensino secundário pela ciência.

No âmbito deste novo projeto, todos os

professores e alunos das escolas do Algarve podem participar em saídas de campo e outras ações, fomentando sempre a estreita colaboração entre educação e ciência. O público em idade escolar é um dos alvos destas atividades de disseminação, pois é junto dos mais novos que o CCMAR tenta dar a conhecer o seu trabalho e o impacto que tem na sociedade.

<http://ccmar.ualg.pt/escolas>

CIÊNCIA E INVESTIGAÇÃO SOB RODAS

Um laboratório móvel, apetrechado com equipamentos sofisticados e constituído por uma equipa altamente qualificada, é transportado e montado nas escolas. Chama-se **Laboratório Itinerante de Genética Molecular (Lab-It)** e apoia o ensino da região algarvia nas áreas da Biologia, Biotecnologia e Genética Molecular, permitindo aos alunos manusear equipamentos científicos aos quais não teriam normalmente acesso nas escolas secundárias.



O Lab-It da Universidade do Algarve é um projeto que surgiu, em 2008, com o objetivo de apoiar as escolas secundárias e os professores na formação e divulgação de conceitos associados à genética molecular e as suas aplicações nas áreas da biologia forense, medicina, diagnóstico, genética humana, biotecnologia, conservação de espécies protegidas, monitorização de poluição ambiental e alimentar, entre outras. As ações de dinamização do Lab-It procuram promover e cimentar conceitos através do desenvolvimento de procedimentos experimentais que têm como base comum a utilização de técnicas básicas de biologia molecular. Os procedimentos experimentais desenvolvidos são pequenos projetos de investigação realizados em sessões práticas em conjunto com o docente responsável e com a duração máxima de 5 horas. Esta iniciativa esteve presente em quase uma centena de escolas secundárias de todo o Algarve, tendo realizado 141 sessões práticas para um total de 2052 alunos. Só em deslocações, este laboratório "sob rodas" já percorreu mais de 7500Km para levar o projeto junto das escolas secundárias. O Lab-IT desenvolve ações de formação

para professores e eventos ligados a ciências e investigação e apoio no desenvolvimento de aulas práticas e sessões de demonstração de técnicas laboratoriais, adequadas aos programas do ensino secundário.

As atividades do laboratório itinerante desenvolvem-se em áreas diversas. Na área da saúde e biomedicina, podem ser encontradas as seguintes respostas: "Que informação genética herdei do meu pai e da minha mãe?" ou "Como se diagnostica uma doença genética?". "Quem está envolvido nesta cena de crime?" é outro exemplo de uma atividade disponível na área das ciências forenses, ou por exemplo, na área do ambiente e preservação das espécies aprender "Qual é a história desta população de águias?".

Inês Costa, atualmente estudante de medicina em Salamanca, Espanha, foi aluna na Escola Secundária Gil Eanes, em Lagos, e refere: "tive a sorte de poder estar presente numa das atividades sobre genética molecular do Lab-It, foi realmente interessante. O conteúdo das duas experiências que fizemos foi bastante importante para a compreensão e concretização do que tínhamos dado, em teoria, nas aulas. Por outro lado, foi igualmente enriquecedor o facto de podermos perceber minimamente aspetos práticos de como funciona um laboratório a sério. Inês Costa considera ainda que "graças a este projeto, o contacto com a parte laboratorial do curso que está a frequentar tornou-se bastante mais fácil do que o que esperava, tanto pelo conhecimento de técnicas, como de certos instrumentos que utilizam. "Acho, sinceramente, que o Lab-It foi e com certeza será um projeto marcante e extremamente interessante para o percurso dos alunos da área de ciências!"

Também Sara Marreiros, aluna da mesma escola refere: "tivemos numa das nossas aulas de Biologia o projeto Lab-It, que foi enriquecedor, visto que estou a frequentar um curso superior na área da saúde e já me serviu de experiência para duas cadeiras Bioquímica e Microbiologia. Penso que devam continuar com este projeto, pois para o nível do 12º ano, na área de Ciências e Tecnologias, dá mais "bagagem" para um futuro curso universitário."

FERRAMENTAS DIDÁTICAS PARA VALORIZAÇÃO ECONÓMICA E AMBIENTAL

O projeto **VALEMON**, desenvolvido pelo Centro de Investigação Marinha e Ambiental (CIMA) teve como principal objetivo promover e reforçar a investigação transfronteiriça Luso-Espanhola, no domínio da Geoquímica, Recursos Minerais e Ciências do Ambiente. Complementarmente, desenvolveu uma ferramenta didática multimédia sobre a temática do projeto, "**MonDid**- Monchique Didático", de suma importância para o apoio ao ensino.

O MonDid foi desenvolvido em formato Flash e está disponível em www.cima.ualg.pt. Complementarmente, e para que sejam

aproveitadas devidamente todas as potencialidades pedagógicas da aplicação, foram realizados pequenos testes que permitem verificar se os conteúdos foram efetivamente assimilados.

O MonDid foi inicialmente disponibilizado aos alunos das escolas do concelho de Monchique, às entidades públicas responsáveis pela educação, proteção e promoção do património natural, aos municípios implicados no projeto, às entidades responsáveis pela gestão e exploração dos recursos minerais da serra, e também em fóruns de educação ambiental.

O património natural do Algarve converteu-se assim num excelente recurso didático, que promoveu a aprendizagem de ciências naturais e deu a conhecer o inquestionável valor ambiental da Serra, estabelecendo assim uma base para a sua preservação.

Na senda do sucesso que o MonDid teve, o CIMA desenvolveu o **GuaDid**, uma aplicação didática que compila a informação ambiental sobre o estuário do Guadiana, e está, ainda, a desenvolver o **ForDid** para a Ria Formosa.

DANDLEN & VASQUES APOSTA NA INTERNACIONALIZAÇÃO



Jorge Crespi é gerente da empresa Dandlen & Vasques, criada na sequência do primeiro Concurso de Ideias promovido pela UAlg, "Ideias em Caixa", em 2004. Em conversa com a UAlgazine conta-nos como tudo começou, qual a importância do CRIA na criação desta empresa que, atualmente, se dedica à transformação de produtos derivados de plantas aromáticas e medicinais, cujo fim passará pela indústria de cosmética, perfumaria, farmacêutica e indústria alimentar.

UAlgazine – A Dandlen&Vasques foi criada no seguimento do 1º Concurso de Ideias promovido pela UAlg, "Ideias em Caixa", em 2004. Considera importante este tipo de concursos? Porquê?

Jorge Crespi (JC) – Estas iniciativas são importantes enquanto impulsionadoras das ideias que muitas vezes as pessoas têm e não sabem como concretizar. Mas também é essencial transmitir que estes concursos são o ponto de partida e que é preciso trabalho para que as ideias sejam concretizadas.

UAlgazine – Nessa altura, a empresa estabeleceu logo uma relação de confiança com a Universidade para o desenvolvimento do projeto empresarial?

JC – A Universidade do Algarve tem-nos acompanhado ao longo de todo este processo, nas mais diversas circunstâncias. Por um lado, através do CRIA que tem sido incansável no seu apoio e, por outro, na relação que a empresa mantém com alguns laboratórios desta Universidade com quem está a desenvolver projetos.

UAlgazine – Que tipo de Projetos?

JC – Alguns projetos que estão a decorrer no âmbito do programa QREN: Si Qualificação e Si Inovação produtiva. Mas também estamos a apostar em linhas de investigação novas, de modo a avaliar se será pertinente apresentá-las no próximo Programa Quadro da União Europeia "Horizonte 2020."

UAlgazine – Como se deu todo o processo de criação da empresa? Quais as principais dificuldades? Como correu a captação de financiamento?

JC – Após a criação da empresa e com o Plano de Negócios desenvolvido pela Faculdade de Economia da UAlg, a empresa tinha que buscar financiamento. Assim as alternativas foram concorrer a diversos programas de incentivos e à banca. Montar a empresa significava a compra de um espaço, a montagem de instalações de produção, o design e aquisição do equipamento.

Por fim, instalámos a empresa no Parque Empresarial de Alcoutim e esta decisão viria resolver dois problemas. Por um lado, estávamos num parque com condições adequadas para a obtenção do licenciamento industrial e, por outro, próximos da matéria-prima. O problema mais sério que se colocou foi o desfasamento temporal porque os projetos, entre serem submetidos e aprovados, demoravam mais ao menos 2 anos. Agora a situação é bem melhor. Assim, o "Leader Mais" e o "PRODER" que a empresa teve foram importantíssimos porque graças à ajuda destes programas foi possível concretizar a instalação da estrutura de produção e compra do equipamento base.

Neste momento temos mais dois projetos a decorrer no programa QREN, um deles na medida "Si Qualificação" que é uma prestação de serviços que a empresa contratualizou com o Laboratório de Nutrição Vegetal da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UAlg, e outro destinado à Certificação, Qualificação e Internacionalização da D&V.

A procura do investidor revelou-se extremamente difícil. A empresa passou por situações financeiras muito complicadas e foi necessário uma fase árdua de

estabelecimento de contactos com Business Angels, capitais de risco, grupos de investimentos, etc.. Atualmente, contamos com investimentos privados de origem norueguesa.

UAlgazine – A UAlg, através do CRIA, teve aqui um papel importante? Que apoios teve da instituição?

JC – O CRIA converteu-se num parceiro estratégico da D&V, no acompanhamento constante e incansável. Para nomear algumas das suas contribuições: preparação das candidaturas aos projetos; elaboração de planos financeiros; intermediação com diversas instituições como o IAPMEI, a CCDD Algarve; preparação de relatórios de propriedade intelectual da empresa; acompanhamento jurídico quando preciso; suporte na preparação da documentação necessária para o registo da marca nacional e internacional; convite à participação em diversos eventos para promoção da empresa; prospeção de mercados; design de brochuras de divulgação para eventos de promoção internacionais, entre outras.

Tem sido de enorme importância para a D&V o contributo de todos e cada um dos membros do CRIA, inclusive do Eng. João Amaro, que já não faz parte da equipa, mas que acompanhou a empresa no início e continua a colaborar connosco em outras frentes. É também importante destacar o papel que o Dr. Hugo Barros desenvolve enquanto Coordenador do CRIA, estando sempre disponível, trabalhando incansavelmente feriados e fins de semana, quando é preciso cumprir prazos. Acho que a UAlg deve continuar a sua aposta neste Centro de Inovação, porque o CRIA tem-se convertido no suporte de muitas empresas e associações algarvias que, como nós, precisam muito do seu contributo.

UAlgazine – Fale-nos um pouco da Dandlen&Vasques, quais são as principais áreas em que opera? Quais os principais clientes?

JC – A empresa dedica-se à transformação de produtos derivados de plantas aromáticas e medicinais, principalmente óleos essenciais. Os seus produtos são dirigidos à indústria

de cosmética, perfumaria, farmacêutica e à indústria alimentar. Recentemente tem procurado novas áreas de aplicação dos óleos essenciais que a empresa vai começar a explorar. Nesta fase de arranque, iniciámos a produção em setembro e já temos interessados nos produtos em mercados como Alemanha, USA e Reino Unido. Mesmo sabendo que a conjuntura económica mundial é complicada, estamos confiantes!

UAlgine – Grande parte da sua atividade assenta na relação com várias associações de produtores para a obtenção de matéria-prima. Também tem produção própria?

JC – Um dos objetivos iniciais da empresa está relacionado com o trabalho em parceria com produtores locais e associações de produtores, de modo a gerar uma dinamização produtiva em Alcoutim e concelhos vizinhos. Neste ano e para a próxima campanha, a empresa tem estrategicamente estabelecido uma parceria de produção com produtores individuais, com os quais vai plantar em conjunto.

UAlgine – Estão a pensar apostar em novas áreas ou mercados? Quais?

JC – A empresa está interessada na área da biotecnologia vegetal e, nesse sentido, tem vindo a desenvolver algumas atividades de investigação em parceria com o Laboratório de Virologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UAlg.

UAlgine – Estabeleceram um protocolo de cooperação entre a empresa e a Universidade do Algarve? Em que consiste?

JC – Este protocolo de cooperação com a Universidade do Algarve permite que a D&V possa contratualizar individualmente com laboratórios de diversas áreas que fazem parte da UAlg, seja em parceria, seja em projetos conjuntos ou em serviços específicos.

UAlgine – A Universidade do Algarve celebra em dezembro 34 anos? Como vê o papel desta instituição no desenvolvimento do Algarve?

JC – Como centro académico e de investigação a Universidade do Algarve tem o compromisso intrínseco de detetar as problemáticas da região e procurar promover atividades que contribuam para a sua solução. Nos últimos anos, a UAlg tem estado presente em diferentes iniciativas regionais e, através do CRIA, tem logrado um acercamento entre as empresas e o mundo académico.

VALORIZAÇÃO DE ATIVOS INTELECTUAIS

O CRIA (Divisão de Empreendedorismo e Transferência de Tecnologia), através do Gabinete de Apoio à Promoção da Propriedade Industrial da Universidade do Algarve (GAPI), está vocacionado para o esclarecimento de questões associadas à promoção, proteção e licenciamento de direitos intangíveis (Propriedade Industrial, *know-how*, segredo industrial, direitos de autor e direitos conexos, entre outros).

A principal função deste gabinete é auxiliar a Universidade do Algarve e o meio empresarial da região na formalização dos processos de transferência de tecnologia e conhecimento. Neste âmbito, presta um serviço informativo e de apoio às temáticas da proteção de direitos de propriedade intelectual a empresários, docentes, investigadores, alunos e empreendedores.

O GAPI é reconhecido pelo Instituto Europeu de Patentes como um Centro Patlib e pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial, com o qual a Universidade do Algarve mantém um protocolo de colaboração. Desde a sua criação, em 2003, este gabinete já auxiliou cerca de 1000 processos relacionados com a proteção de marcas, cerca de 45 processos de registo de patentes e 3 contratos de licenciamento de tecnologia.

UNIVERSIDADE E ADP FERTILIZANTES CRIAM PATENTE INTERNACIONAL

A acumulação de grande quantidade de resíduos vegetais resultantes das atividades de manutenção dos relvados, de que são exemplo os campos de golfe e os jardins, e a necessidade de estabelecer tratamentos alternativos de correção da deficiência de ferro em espécies agrícolas, sem impactos ambientais e económicos negativos, levaram a que, em 2005, fossem realizados na UAlg os primeiros ensaios sobre estes dois problemas. No âmbito de uma tese de mestrado em Agricultura Sustentável, de Irina Domingos, orientada pelos Professores Maribela Pestana e Pedro José Correia, foi estudada a recuperação da deficiência de ferro em plantas de morangueiro numa perspetiva sustentável. Verificou-se que a aplicação de um extrato vegetal, obtido a partir das aparas de relva de campos de golfe, recuperou morangueiros com deficiência de ferro, problema nutricional frequente nos pomares de citrinos instalados em solos calcários da região do Algarve. Como estes resultados foram bastante promissores, Maribela Pestana, Irina Domingos e Pedro Correia criaram uma patente nacional, com o apoio do GAPI-UAlg. Segundo Maribela Pestana, coordenadora do projeto, "a preparação deste extrato vegetal é passível de ser efetuada a nível industrial, sem envolver processos de compostagem, nem recurso a equipamento muito especializado. Adicionalmente, a matéria-prima (aparas de relva) pode ser obtida gratuitamente, já que os gestores de espaços verdes com relvados, nomeadamente campos de golfe, pagam a empresas especializadas para a sua

remoção. Assim, a utilização deste extrato vegetal como matéria-prima para as indústrias fabricantes de fertilizantes favorece, simultaneamente, diversos setores económicos, regionais e nacionais". Esta investigação foi reconhecida pela empresa ADP-Fertilizantes SA, que testou este produto, tendo sido estabelecido um protocolo específico de licenciamento exclusivo de tecnologia entre a Universidade do Algarve e a ADP-Fertilizantes. Com base neste protocolo foi também submetida a patente internacional, tendo sido registada em Espanha e no Brasil. A formulação à escala industrial e a validação agronomica deste extrato vegetal é necessária para que possa ser produzido e comercializado por empresas produtoras de fertilizantes, alargando o mercado tradicional para uma nova gama de biofertilizantes, passível de ser usada em modo de produção biológica. Esta tarefa está a ser desenvolvida pelo Eng. João Castro Pinto, responsável pelo Desenvolvimento Agronómico e Apoio Técnico da ADP-Fertilizantes SA, com quem a UAlg assinou o acordo específico de licenciamento da patente nacional. Recorde-se que já em 2008 esta patente venceu a 1ª Edição do concurso – Prémio Inovação Caixa Agrícola do Algarve. O projeto continua com um financiamento da FCT, sob a coordenação da Professora Maribela Pestana, estudando agora "o transporte de ferro nas plantas: novas abordagens para um problema antigo. Aumento da mobilidade do ferro e desenvolvimento de um novo fertilizante baseado em extratos de aparas de relva."

António Branco é o novo reitor da Universidade do Algarve. Em Entrevista à UAlgzine, fala-nos de uma «longa viagem de mil quilómetros» que está disposto a percorrer, apresenta algumas medidas concretas para implementar a curto prazo e dá-nos a sua visão sobre o Ensino Superior em Portugal.

O novo reitor explica ainda porque é que quer “reforçar na UAlg o sentimento de pertença”, afirmando que este “não cresce por despacho reitoral, mas graças à capacidade que cada um tenha de ser ouvido e de intervir na vida da instituição”.

ANTÓNIO BRANCO

UAlgzine – No seu Plano de Ação citou uma frase de Lao Tsé, “Uma longa viagem de mil quilómetros inicia-se com o movimento de um pé”, e também referiu que a UAlg atravessa um dos períodos mais difíceis da sua existência. Está preparado para esta longa viagem?

António Branco (AB) – Estabeleço uma correlação entre a frase de Lao Tsé (para uns personagem lendária, para outros figura histórica, a quem é atribuída a autoria do Livro do Caminho e da Virtude) e dois versos de um célebre poema de Antonio Machado: «caminante, no hay camino, / se hace camino al andar» (Poesías Completas, ed. de Manuel Alvar, Madrid, Editorial Espasa Calpe, p. 239). Com o uso daquela frase para epígrafe do meu Plano de Ação não estava a pensar só em mim, mas em toda a comunidade a que chamamos Universidade do Algarve, constituída por pessoas que se encontram em estádios muito diferentes da sua vida e que, por isso, têm perceções muito variadas da realidade do país (e do mundo) e do seu papel na transformação dessa realidade. Quis, com ela, sublinhar que a estagnação é morte e que, por mais que o corpo nos pese ou nos doa, estarmos vivos exige que nos ponhamos em movimento, mesmo quando sabemos que temos pela frente uma «longa viagem de mil quilómetros». Claro que, se, em vez de nos concentrarmos no primeiro passo e, depois, no segundo e, depois, no terceiro (e assim sucessivamente),

focarmos a nossa atenção na incomensurável distância que temos pela frente, provavelmente deixamo-nos tomar pelo desalento e pela sensação de impotência. Para tomar a decisão de me candidatar, pesei bem todos esses fatores, perguntando-me: «Tens noção da distância a percorrer? Tens energia suficiente para fazer essa viagem? Estás disposto a ir à frente, sabendo o que isso implica?» As respostas que encontrei para essas e outras perguntas que me fiz foram todas afirmativas.

UAlgzine – É sobejamente conhecida a difícil realidade financeira que vivemos. Já tem algumas medidas concretas para implementar na UAlg a curto prazo? Quais?

AB – Já reuni com o administrador da UALG, o Dr. João Rodrigues (que aceitou ser reconduzido no cargo), para me inteirar mais detalhadamente da realidade financeira. Confirmei que se prevê uma diminuição substancial do nosso saldo transitado e que, por isso, se não for devidamente reforçada a componente do Orçamento de Estado para 2014, a Universidade do Algarve correrá o risco de paralisação total das suas atividades antes do fim do ano, por ficar impossibilitada de cumprir os seus compromissos: vencimentos do pessoal docente e não docente, funcionamento (água, luz, limpeza, comunicação, segurança), execução de projetos financiados, manutenção de edifícios, etc.

A primeira tarefa consistirá em elaborar um orçamento real e transparente, em que fique bem destacado e explicado o valor do défice previsto para 2014. Como anunciei ao longo da campanha eleitoral, é necessário apurar com todo o rigor que parte desse défice se deve à política de cortes cegos que temos vindo a sofrer, por um lado, e às dificuldades por que passam as famílias, as empresas, os restantes organismos do Estado e a sociedade em geral, por outro.

“Também lançaremos um programa de combate ao desperdício que ainda seja possível identificar na UALG, deixando bem claro que as pessoas e os bens essenciais não são abrangidos por esse conceito. E procurarei que toda a comunidade académica se envolva nessa atividade.”

Teremos, igualmente, de identificar rapidamente todas as fontes de receita que estiverem ao nosso alcance, nomeadamente nos fundos europeus e na prestação de serviços à comunidade, e começarmos a trabalhar imediatamente para obter uma receita suplementar que ajude a atenuar o défice a que me referi. É necessário repensar a nossa estratégia de comunicação e atração de alunos para os vários tipos de cursos que somos



capazes de oferecer: cursos breves, cursos de especialização tecnológica, cursos de licenciatura e mestrado integrado, pós-graduações não conducentes a grau, mestrados e doutoramentos. Também deveremos começar a reunir com personalidades e organismos que, compreendendo o papel fulcral que desempenhamos na região e na rede de ensino superior nacional, estejam dispostos a ajudar-nos na negociação do financiamento estatal da Universidade do Algarve para o curto e o médio prazos. Finalmente, teremos de começar a discussão sobre o Plano Estratégico que gostaria de ver aprovado no final de 2014. Todas essas atividades serão lançadas em simultâneo, entre janeiro e fevereiro de 2014, embora com tempos de execução diferentes.

UAlgZine – Como é que vai responder ao desafio que o Governo tem vindo a fazer às instituições de Ensino Superior para conseguirem arrecadar mais receitas próprias?

AB – As universidades e os institutos politécnicos sempre fizeram isso, sem necessidade de para tal serem desafiados pela tutela. Na conjuntura atual, não encaro esse objetivo como um desafio do Governo, mas como uma necessidade nossa, até porque ele também resulta das dificuldades por que nos estão a fazer passar – e por isso respondi anteriormente que me proponho melhorar o nosso desempenho financeiro e orçamental nessa dimensão, no médio e longo prazos, sobretudo na extensão e transferência de conhecimentos, mas também na investigação, intensificando as parcerias capazes de ganhar projetos europeus. Mas esse «desafio», como lhe chama, não pode substituir-se às obrigações do Estado para com a sua rede pública de ensino superior.

“No que diz respeito à equipa reitoral que dirigirei, não proporemos o aumento das propinas enquanto esta crise durar, porque consideramos que não é justo sobrecarregar ainda mais o orçamento das famílias.”

Por isso, a médio prazo, teremos de alargar a nossa base de recrutamento de alunos, diferenciando a sua origem e apostando na internacionalização dos cursos que para isso tiverem mais vocação e capacidade. Paralelamente, teremos de intensificar as candidaturas de projetos capazes de captar fundos europeus (para a investigação e a transferência de conhecimentos e tecnologias) e renovar a nossa capacidade de prestar



serviços úteis à comunidade. Seja como for, o contexto económico e social, a nossa dimensão e a nossa localização periférica também produzem limitações evidentes que deveremos todos ter em conta: a UALG, o Algarve, o CRUP, o CCISP e o Governo.

Repare, por exemplo, que, para a fixação de impostos como o Imposto Único de Circulação ou o Imposto Municipal Sobre Imóveis, são tidos em conta critérios de diferenciação nítidos: um automóvel de luxo ou de grande cilindrada não paga o mesmo do que outro de custo e cilindrada menores; um apartamento de sete assoalhadas no centro de Lisboa ou do Porto não é avaliado da mesma forma que um apartamento de duas em Castelo Branco. Do mesmo modo, o Tribunal Constitucional tem alertado para a necessidade imperativa de distribuir os cortes e os impostos de forma equitativa, pondo a tónica na progressividade dos mesmos: de facto, tirar 10% do rendimento a uma família que ganha 600 euros não é o mesmo que fazê-lo a uma família que ganha 6000, porque, embora a percentagem seja a mesma (e isso possa fazer parecer que ambas estão a ser tratadas de igual forma), no primeiro caso só sobram 540 euros, enquanto

no segundo ainda ficam disponíveis 5400. Finalmente, pergunto: será que, no curto prazo, uma família que ganha 600 euros e vive numa cidade de 44000 habitantes tem as mesmas oportunidades do que aquela que já ganha 6000 hoje e habita num grande centro urbano? A discussão sobre a fórmula de financiamento do Ensino Superior (a que está intrinsecamente ligada a questão que me colocou) tem de incluir critérios diferenciadores e justos, que permitam tratar de forma equitativa as várias instituições de ensino superior, baseados no papel desempenhado por cada uma delas e no contexto geográfico, demográfico, económico e social em que tal papel é exercido.

UAlgZine – Considera que existe falta de estratégia do Governo em relação ao Ensino Superior? Porquê?

AB – Até ao momento, ainda não é totalmente clara a estratégia do Governo para o Ensino Superior, a não ser aquela que nos conduziu à grave situação institucional (e individual, para muitos) em que nos encontramos. Começa, ao fim de dois anos e meio de mandato, a vislumbrar-se uma orientação,

traduzida no lançamento da discussão sobre a «coordenação regional das instituições de ensino superior públicas», tudo indicando que, numa primeira fase, tal debate terá por referência as NUTS II (Nomenclatura Comum das Unidades Territoriais Estatísticas de nível II), a saber, em Portugal Continental: Norte, Centro, Lisboa, Alentejo, Algarve. Precisamos de sinais muito claros de que a reforma que se pretende fazer não tem por finalidade apenas a redução de despesa.

UALgizine – Como é que vê o Ensino Superior em Portugal, tendo em conta a reflexão em curso que abrange não só os conteúdos dos dois subsistemas de ES, mas também a articulação entre instituições, nomeadamente através de consórcios ou fusões?

AB – O debate sobre esses assuntos, nomeadamente o dos consórcios e fusões, ainda agora começou, não sendo possível antever resultados. Se o caminho for o do estabelecimento de consórcios e/ou fusões entre universidades e institutos politécnicos pertencentes à mesma NUTS II, nós sabemos, na Universidade do Algarve, que, se não se usar de grande prudência, essas aproximações são potencialmente geradoras de tensões difíceis de ultrapassar. Efetivamente, fizemos essa discussão entre 1979 e 1992 (ano em que foram aprovados os estatutos que fundiram definitivamente o Instituto Politécnico de Faro e a Universidade do Algarve) e ainda hoje, 21 anos depois, existem na UALG vestígios de desconfianças e tensões entre os dois subsistemas. Mas também temos muitos exemplos de colaborações bem sucedidas. Por isso mesmo, a UALG poderá ser, no debate em curso, um parceiro estratégico importante tanto para o CRUP como para o CCISP, porque temos uma experiência acumulada única no país.

Quanto às vocações específicas, é necessário clarificar aspetos essenciais. Em primeiro lugar, interessa saber qual o impacto dos Cursos Superiores Especializados de dois anos (cuja criação se prevê para o subsistema politécnico já a partir de 2014) no recrutamento regional de estudantes: alargarão o leque desse recrutamento, conseguindo atrair para a UALG jovens que frequentam o ensino secundário profissional e que até ao momento não têm prosseguido os seus estudos? A médio prazo, prevê o Governo manter a capacidade que o ensino politécnico tem de oferecer licenciaturas e mestrados? Haverá a possibilidade de um estudante que conclua um Curso Superior Especializado prosseguir os seus estudos no nível de licenciatura? E estará o Governo disposto a um investimento adicional, no caso de as instituições já não terem no seu seio

um número satisfatório de «especialistas de reconhecida experiência e competência profissional», ou seja, docentes do subsistema politécnico a tempo parcial com ligação ativa a uma profissão relacionada com o âmbito do curso? Explico esta última pergunta: por causa dos cortes orçamentais a que fomos sujeitos nos últimos anos, as instituições de ensino superior foram obrigadas a dispensar docentes com contratos parciais a termo certo, para tentarem ajustar-se à receita disponível. No subsistema politécnico, muitos desses docentes enquadram-se no perfil agora necessário para a lecionação dos Cursos Superiores Especializados. O que falta, sobretudo, nesta e noutras dimensões da nossa atividade, são instrumentos de planificação estratégica: precisamos de orçamentos plurianuais, de conhecer as orientações políticas de médio e longo prazo para o Ensino Superior e de uma grande coerência de atuação dos responsáveis governamentais. Falta estabilidade: a enorme insegurança financeira em que vivemos e a ausência de orientações coerentes e em que possamos confiar no longo prazo tornam impraticável o desenvolvimento harmónico e estratégico das várias dimensões da nossa atividade: o ensino, a investigação e a extensão.

UALgizine – Que avaliação faz da atuação do atual ministro Nuno Crato?

AB – Encontro-me nos antipodas da conceção de política educativa que o Sr. Ministro tem vindo a manifestar através de palavras e atos. Considero que o desinvestimento no setor público da Educação a que temos vindo a assistir é um erro grave que o país pagará muito caro durante muito tempo. Surpreende-me, igualmente, que um académico de renome que é um profundo conhecedor da realidade que tutela não tenha conseguido evitar a situação limite a que chegaram as universidades e os institutos politécnicos – e que levou à inérita deterioração pública das relações entre o Governo e o CRUP e o CCISP. Estes dois aspetos, a que se pode juntar a ausência, até ao momento, de um plano claro para a readequação da rede de Ensino Superior, acabaram por sobrepor-se à intenção positiva do Sr. Ministro de reforço do ensino do Português, da Matemática e das Ciências.

UALgizine – Não estaremos a viver uma espécie de “inércia coletiva”? Não existirá falta de atuação cívica e política de cada um de nós?

AB – Temos vindo a ser atingidos pela mais grave crise económica e social de que há memória desde o 25 de abril de 1974. As

pessoas, as famílias, as organizações estão a tentar sobreviver a essa catástrofe da melhor forma que sabem e são capazes. O sofrimento, a sensação de impotência e a aflição em que a classe média se encontra gerou contradições difíceis de explicar: por um lado, houve momentos, nos últimos dois anos, em que as pessoas saíram à rua em grande número, assim conseguindo que algumas medidas mais obviamente duras e injustas não fossem postas em prática; por outro, no dia-a-dia, existe um elevado índice de «inércia», como lhe chama. Por um lado, as terríveis dificuldades vividas geram novos egoísmos e indiferenças; por outro, nunca as campanhas de solidariedade conseguiram recolher tantos fundos e bens (como sempre, quanto mais aumenta a injustiça social mais prospera a “economia da caridade”). Seja como for, tenho de lhe dar razão numa coisa: quanto mais capazes somos de nos descentrar dos nossos problemas individuais e de lutar com e pelos outros, mais a força coletiva assim gerada é poderosa. Pelo contrário, quanto mais sozinhos e indiferentes, mais vulneráveis ficamos.

Por isso afirmei durante a campanha eleitoral e continuarei a afirmar: «O reitor não faz nada sozinho.» As soluções salvíficas, centradas na convicção ou no desejo de aparecimento de um indivíduo supostamente iluminado capaz de resolver os nossos problemas, são filosófica e politicamente muito perigosas – e basta a História da Europa do séc. XX para demonstrar isso mesmo. Quero o contrário: aceito ser a força motriz de uma mobilização coletiva da UALG para se repensar e se reorganizar, mas não que olhem para mim de outra forma. Sou apenas uma pessoa, um membro da UALG, que, em determinado momento histórico da instituição, se levantou e disse: «Estou aqui. Prometo lutar e trabalhar muito. Tenho estas ideias sobre a Universidade do Algarve, o seu contexto e o seu enorme potencial. Ajudem-me a melhorá-las e, depois, ajudem-me a concretizar o resultado da reflexão a que chegarmos.»

UALgizine – É por isso que considera importante “reforçar na UAlg o sentimento de pertença” de toda a comunidade académica? Porque será que esse sentimento esmoreceu? Poderá estar associado à motivação ou à falta dela?

AB – É muito difícil sentir alegria e entusiasmo no meio de uma catástrofe, quando se tem contas para pagar e não se sabe como (porque nem sequer se sabe exatamente quando se vai receber no mês seguinte ou no ano seguinte); quando se tem familiares desempregados ou à procura do primeiro emprego e se tem medo de perder o próprio emprego; quando

se tem de alimentar os filhos e não se sabe com que meios; quando se organizou a vida em função de certas expectativas legítimas de uma carreira profissional e se vê tudo isso estagnado ou em perigo ou insensivelmente transformado em «culpa» e «prova de irresponsabilidade»; quando nos dizem um dia para caminharmos para ali, mas no dia seguinte, afinal, nos pedem o contrário, etc. Não é fácil resistir à violência civilizacional deste tempo: esmorece o sentimento de pertença, esmorece a capacidade de felicidade, esmorece a criatividade.

Tenho família (e dois familiares muito próximos desempregados), mas não tenho filhos e a crise não me atingiu tão violentamente como a muitas outras pessoas que me rodeiam, dentro e fora da Universidade do Algarve. Sou um privilegiado, porque não vivo mal e faço aquilo de que gosto. Por isso, não esmoreci. E por isso disse: «Estou aqui. Se considerarem que posso ser útil à UALG neste momento, estou disponível para exercer o cargo de reitor.»

Tudo o que acabei de dizer explica a importância que dou à participação das pessoas nos debates e nas decisões, independentemente do poder formal que tenham. Esse é um aspeto central do programa de ação que apresentei à comunidade académica e ao Conselho Geral: o sentimento de pertença não cresce por despacho reitoral, mas graças à capacidade que cada um tenha de ser ouvido e de intervir na vida da instituição.

UALgine – Ao nível da oferta formativa de 1º e 2º ciclos, há áreas que se sobrepõem e que, tal como refere no seu plano de ação, até concorrem internamente. Está a ponderar fechar cursos? E o que pensa fazer no plano da internacionalização?

AB – Como afirmo no Plano de Ação e fui dizendo publicamente, apresentarei à comunidade académica e ao Conselho Geral uma grelha de análise que nos permita fazer essas e outras escolhas, mas não tenho dúvidas de que teremos de diminuir o número de cursos de 1º ciclo e mestrado integrado e de reorganizar e aumentar de forma planificada a oferta formativa avançada. As redundâncias e a concorrência interna fragilizam-nos, a dispersão da oferta formativa também. Temos de nos fortalecer.

Ao mesmo tempo, torna-se necessário apresentar os cursos que damos numa perspetiva diferente, mostrando articulações inovadoras entre eles e possibilitando que quem nos procura encontre boas respostas para as perguntas que traz. Imagino, no portal da UALG, uma espécie de «simulador de

vocações» que permita ao candidato fazer o percurso de jusante (perfil vocacional) para montante (formação inicial), assim descobrindo a riqueza que já cá temos. E gostaria de o ver implementado o mais depressa possível.

Também teremos de repensar e diversificar mais (na natureza, na temática, na duração) os cursos não conducentes a grau, de modo a atrair para os nossos *campi* outros tipos de público.

Finalmente, temos de nos valer da nossa localização numa região cosmopolita, com um clima muito agradável e servida por um aeroporto internacional, para atrairmos ainda mais estudantes e investigadores estrangeiros. Conto com a experiência cosmopolita do vice-reitor Tomasz Boski para impulsionar de forma determinada essa dimensão essencial do nosso Plano Estratégico.

UALgine – Defende “pontes mais consolidadas entre a UAlg e o universo empresarial da região”. Como é que se trazem as empresas e a região para dentro da UAlg e vice-versa?

AB – Não se trata tanto do «dentro» e do «fora», mas de uma relação mais orgânica e sustentada em interesses comuns, com respeito absoluto pela natureza e vocação específicas respetivas. O objetivo da UALG não é o lucro, o das empresas, naturalmente, é. A UALG é um organismo público dotado de autonomia financeira, administrativa, patrimonial, científica e pedagógica, com uma missão social e cultural bem desenhada na Constituição e na Lei. Uma das suas responsabilidades é, a meu ver, a de estabelecer padrões éticos (tanto ao nível da formação profissional dos seus estudantes quanto ao da investigação e transferência de conhecimento) que sirvam de referência às colaborações com o mundo empresarial. Podem ser coisas tão simples como as respostas a estas perguntas: para que servem os saberes e as capacidades adquiridos nos vários cursos? Para que servirá o conhecimento ou a tecnologia a transferir para as empresas? Em que medida essa colaboração contribui para a diminuição das desigualdades sociais ou tem em conta o respeito pela dignidade humana (e da Vida, em geral)? De que modo essa empresa exerce a sua própria responsabilidade social? Etc.

Garantidos esses padrões éticos, todas as colaborações são muito bem vindas: através do CRIA ou de outras formas de parceria, concorrendo conjuntamente a fundos europeus, por meio de protocolos para estágios curriculares, através de serviços de consultoria, etc.

No entanto, volto a afirmar: nem às empresas interessa que a universidade perca as suas referências essenciais, nem à universidade interessa ser confundida com uma empresa. Só assim, no respeito absoluto pelas especificidades próprias, se podem saudavelmente estabelecer pontes, formar parcerias, aproveitar melhor as riquezas e a experiência de cada uma das partes.

UALgine – Que retrato faz do contributo da Universidade do Algarve para o desenvolvimento da região?

AB – Tudo o que eu possa dizer sobre isto é empírico, decorrendo da minha percepção e intuição. Na verdade, o Algarve em que hoje vivo é muito diferente (para melhor) daquele a que cheguei em 1991, em todos os planos, desde o da atividade económica até ao da atividade cultural. Seguramente que não foi apenas a UALG que esteve na base desse desenvolvimento civilizacional, mas seguramente também teve aí um papel crucial. Gostaria de encomendar um estudo aprofundado e alargado sobre este tema, no caso de haver colegas interessados em fazê-lo. Considero, aliás, que um estudo dessa natureza será muito útil à equipa reitoral, tendo em conta o contexto que atravessamos: por que não constituir-se, até, como projeto de investigação multidisciplinar? Fica o repto lançado.

“Para além disso, sendo a única instituição pública de Ensino Superior da região, compete-nos ser uma referência ética e intelectual, estarmos atentos à realidade, envolvermo-nos nos problemas vividos pelas pessoas que nela vivem, em suma, cumprirmos cabalmente o papel que nos foi atribuído.”

UALgine – Como define o reitor António Branco?

AB – Não defino, porque, nunca o tendo sido, não sei que reitor serei, por um lado; e porque não me compete a mim fazê-lo, por outro. Sei um pouco mais sobre a pessoa, isso sim: sou apaixonado, curioso, pragmático. Gosto de comunicar, de conversar, de debater. Gosto de trabalhar com as pessoas. E também sei que, enquanto reitor, serei uma pessoa menos livre do que se o não fosse, porque sou obrigado a passar para segundo plano os meus interesses pessoais e as minhas simpatias e antipatias, a ser isento na medida do humanamente possível, a zelar pelo bem de toda a instituição e não de algum dos seus interesses particulares. Mas não me importo – e já sabia isso quando decidi candidatar-me.

**INVES
TIGAÇÃO
OPINIÃO
PERCUR
SOS
HISTÓ
RIA
PUBLICA
ÇÕES**

PRODUÇÃO DE BIODIESEL ATRAVÉS DE ALGAS

Os últimos anos têm sido marcados por uma flutuação severa nos preços dos combustíveis. Tal facto está associado a instabilidades políticas nos países produtores de petróleo, no Médio Oriente, a uma crescente procura de produtos petrolíferos por parte de economias emergentes como a China e a Índia e ainda à diminuição da produção de petróleo devido à exaustão das reservas existentes e escassez de novas reservas.

Esta instabilidade faz crescer a necessidade de se desenvolverem alternativas energéticas ao petróleo, principalmente energias renováveis. Embora a produção de energia elétrica através da captação da energia solar, eólica, geotérmica, etc., possa ser uma alternativa viável para uso doméstico, o setor dos transportes, em especial o transporte terrestre e marítimo de mercadorias e o setor da aviação, está dependente de fontes energéticas mais eficientes e com maior densidade energética, incompatível com as atuais baterias elétricas ou com o uso de hidrogénio.

“É neste setor que o biodiesel se poderá afirmar como uma fonte energética de grande importância devido às suas semelhanças, em termos de poder calorífico, com os combustíveis derivados do petróleo”, explica Luísa Barreira, investigadora do grupo **MarBiotech**, liderado por João Varela, no Centro de Ciências do Mar (CCMAR) da UAlg. Segundo a investigadora, “a produção de biodiesel a partir de plantas oleaginosas como a soja, o milho ou o óleo de palma é, no entanto, insustentável por competirem por terreno arável e água doce, com a produção de alimentos e rações. A produção de biodiesel por microalgas, sobretudo por microalgas marinhas, tem a grande vantagem de não precisar de terreno arável nem de água doce, permitindo eficiências de produção superiores às das plantas terrestres”.

Mas qual a importância destas microalgas?

Trata-se de seres unicelulares fotossintéticos capazes de se multiplicarem em tempo muito reduzido e necessitando apenas de água, dióxido de carbono, nutrientes inorgânicos e luz solar para produzirem os lípidos a partir dos quais se produz o tão desejado biodiesel. A cultura de microalgas pode ainda ser realizada com águas residuais de estações de tratamento ou de aquaculturas, que lhes fornecem os nutrientes inorgânicos necessários, como o azoto, permitindo aliar a produção de biomassa algal para a extração do biodiesel com a remediação de águas contaminadas. Contudo, apesar destas óbvias vantagens, não tem sido possível, até ao momento, desenvolver um processo de produção de biodiesel através de microalgas a um custo capaz de competir com os preços praticados pelos combustíveis derivados do petróleo.

Uma das formas de baixar o preço do biodiesel é a utilização de estirpes de microalgas robustas e de rápido crescimento que produzam grandes quantidades de lípidos. É aqui que o grupo MarBiotech, do CCMAR, aposta no isolamento de espécies de microalgas hiperprodutoras de lípidos, em águas da costa algarvia, que sejam capazes de crescer mais do que as suas competidoras, e que estejam perfeitamente adaptadas às condições climáticas da nossa região. O Algarve é um “hotspot” solar na Europa, aliando uma das maiores taxas de insolação com as menores taxas de ensombramento (nuvens). A nossa região apresenta assim excelentes condições para o desenvolvimento da produção de biodiesel por microalgas, e é neste pressuposto que o grupo MarBiotech tem estado a trabalhar.

AVALIAÇÃO DO VALOR NUTRITIVO E POTENCIAL BIOTECNOLÓGICO

PLANTAS HALÓFITAS

No Algarve existem dezenas de espécies halófitas, que são plantas com capacidade de se desenvolver em solos com elevadas concentrações de sais, como por exemplo, dunas, sapais e zonas circundantes de salinas. As halófitas são utilizadas na medicina tradicional em várias zonas do Mundo e são também usadas em culinária, como por exemplo, a Salicornia, vulgarmente conhecida como espargo do mar. Estas plantas são consideradas como uma fonte riquíssima de compostos de alto valor nutricional, tais como vitaminas, e com potencial de aplicação na indústria farmacêutica.

Desde 2010 que o Grupo MarBiotech tem vindo a fazer o levantamento das espécies halófitas mais abundantes no Algarve e a avaliar a sua aplicação biotecnológica. Atualmente encontra-se a decorrer o projeto XtremeBio, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), o qual engloba a avaliação do perfil nutricional de várias espécies consideradas edíveis, e o estudo da presença de compostos benéficos para a saúde humana, nomeadamente com atividade antioxidante, antidiabética, antitumoral e com aplicação no tratamento de Alzheimer e Parkinson. Dos resultados obtidos até ao momento, o Grupo destaca o elevado conteúdo em fibra e vitaminas, de várias espécies edíveis, e o elevado potencial antitumoral de uma das espécies estudadas, cujo composto ativo, altamente seletivo contra cancro hepático, se encontra já em fase de isolamento e identificação.

Os conhecimentos gerados pelo projeto XtremeBio poderão contribuir a médio e longo prazo para o desenvolvimento da região Algarvia, ao permitir a utilização de culturas até agora negligenciadas, com elevado valor nutricional, e que podem mesmo ser consideradas 'alimentos funcionais', que se adaptam perfeitamente a solos considerados pobres e inaptos para a agricultura tradicional, como aqueles que circundam as salinas, ou mesmo as salinas desativadas. Tem sido dada especial atenção ao possível aproveitamento de espécies consideradas invasivas, como por exemplo o chorão-da-praia, que tem sido alvo de campanhas de recolha e contenção, visando o aproveitamento sustentável da biomassa que de outra forma seria inutilizada.

INVERTEBRADOS MARINHOS

Existem também na nossa costa várias espécies de invertebrados marinhos com elevado valor nutritivo, que apresentam na sua composição substâncias úteis para o tratamento de doenças como o cancro. Os pepinos do mar são um exemplo clássico destes animais, amplamente utilizados no oriente como alimento, e na medicina tradicional, por exemplo como cicatrizantes em cesarianas. Os pepinos do mar são ricos em proteína, têm baixo teor de gordura, e o seu consumo tem vindo a assumir uma crescente importância no Ocidente, em zonas tão próximas como a Catalunha. No Algarve, existem algumas espécies destes animais, que, por vezes, aparecem em grande número nas zonas de produção de marisco, sendo descartados pelos mariscadores. Pouco se sabe acerca da composição química dessas espécies, ou se poderão ter alguma utilização como alimentos funcionais. Também neste contexto, o grupo MarBiotech, em conjunto com a investigadora Mercedes González-Wangüemert do grupo MAREE (CCMAR) tem vindo a fazer o levantamento das espécies de pepinos do mar mais representativas da costa algarvia, e a estudar a sua reprodução, comportamento, valor nutritivo e aplicação biotecnológica, tendo como objetivo último a produção em aquacultura das espécies mais promissoras e com maior valor acrescentado.

Para além dos pepinos do mar, "temos vindo igualmente a desenvolver estudos da possível aplicação biotecnológica de espécies de invertebrados marinhos consideradas invasivas, ou que ocorrem em elevado número (blooms), como as alforrecas, no sentido de controlar o seu número com um aproveitamento sustentável e efetivo da biomassa", conclui Luísa Custódio, também investigadora do grupo MarBiotech.

ALGAS E ERVAS MARINHAS DA COSTA ALGARVIA

A costa algarvia possui uma riqueza elevada em várias espécies de algas, as quais podem ser observadas diversas vezes nas praias sob a forma de 'beach casts'. No oriente, as algas são utilizadas desde tempos ancestrais na alimentação e na medicina tradicional, enquanto no Ocidente o seu consumo é, cada vez mais, incentivado e expressivo, devido à sua riqueza em elementos benéficos para a saúde humana. O Grupo MarBiotech, durante o projeto SEABIOMED, também financiado pela FCT, recolheu e estudou várias espécies de algas castanhas, verdes e vermelhas, recolhidas ao longo da costa sul de Portugal. Para além do seu conteúdo em elementos nutritivos, foi estudada a potencial aplicação destas algas no tratamento de diferentes patologias humanas, nomeadamente diabetes, doenças neurodegenerativas e cancro. Até ao momento, foram obtidos vários resultados promissores, estando em processo de isolamento e identificação compostos com elevada capacidade antitumoral e para o tratamento de Alzheimer.

CANCRO

“UMA DOENÇA COMUM, MAS TÃO INDIVIDUAL!”



O CANCRO DA MAMA É UM DOS CANCROS MAIS COMUNS QUE AFETA MULHERES, COM CERCA DE 5 MIL NOVOS CASOS DIAGNOSTICADOS EM PORTUGAL TODOS OS ANOS. PARA MELHOR CLASSIFICAR AS MULHERES, DE ACORDO COM O SEU RISCO, E PODER REDUZIR A INCIDÊNCIA DO CANCRO DA MAMA, É ESSENCIAL COMPREENDER AS CAUSAS GENÉTICAS SUBJACENTES A ESTA DOENÇA FATAL.

Este é o principal objetivo dos estudos que **Ana Teresa Maia** desenvolve na Universidade do Algarve, desde 2011, ano em que deixou a Universidade de Cambridge para vir dar aulas no Departamento de Ciências Biomédicas e Medicina da UAlg.

Questionada sobre o porquê desta sua “paixão” de estudar o cancro, uma doença que, por um lado, é cada vez mais comum e, por outro, é ainda tão desconhecida, a investigadora começa por confidenciar: “desde muito cedo evidenciei um grande interesse pela ciência e pela investigação médica, em particular. O meu irmão mais velho, também ele cientista e académico, sempre foi uma fonte de inspiração, e quando enveredou pela investigação e pelos estudos pós-graduados no Reino Unido, também senti curiosidade e entusiasmo de seguir esse curso”. Mas, ficámos a saber, que esta sua paixão vinha desde o Ensino Secundário, altura em que já era apaixonada pela genética humana, o que a levou a licenciar-se em Química Aplicada, na Universidade Nova de Lisboa, porque, em 1992, era o curso superior com mais módulos de genética no programa curricular.

“A doença de eleição para os meus estudos sempre foi o cancro, que ainda hoje não deixa de me fascinar. Doença com nome comum e ainda assim tão individual. Por causa da minha vontade de estudar o cancro rejeitei uma oferta de fazer um MPhil na Universidade de Cambridge, universidade essa que constituía um sonho de longa data”, explica-nos.

Ana Teresa Maia fez um mestrado em Genética Molecular Humana, no Imperial College of Science and Technology em Londres, em 1999. Durante a realização do trabalho de investigação do mestrado, iniciou os seus estudos sobre a “Etiologia e História Natural da Leucemia Infantil”, no Institute of Cancer Research, também em Londres, sob a supervisão do reconhecido Professor Mel Greaves. Estes estudos continuaram por mais quatro anos, com a conclusão do doutoramento em Genética Humana, concedido pela University of London.

“Com bastante sorte e trabalho consegui que a Universidade de Cambridge fizesse parte da minha vida quando tive de escolher o laboratório para o meu pós-doutoramento”, refere. Nesta instituição trabalhou com os Professores Carlos Caldas e Sir Bruce Ponder, na suscetibilidade genética para o cancro da mama até ao final de 2011.

Ao longo da sua carreira já investigou cancro do endométrio, glioma, leucemia linfoblástica aguda, leucemia mieloblástica aguda, cancro da mama e cancro do ovário. O seu trabalho já a levou a concluir que a suscetibilidade hereditária ao cancro da mama é em grande parte devido à variação poligénica (em muitos genes ao mesmo tempo), e apenas 30 a 35% dos casos familiares são explicados por marcadores de risco já identificados. Os objetivos centrais da sua investigação são identificar novos marcadores de risco genéticos, através do redesenhar dos estudos de suscetibilidade ao cancro da mama, e desvendar os mecanismos biológicos através dos quais estes marcadores modulam o risco para a doença.

Neste momento, além de estar a estabelecer o seu grupo de investigação na UAlg, está também a lecionar nas áreas da Genética Humana e Oncobiologia, na esperança de conseguir passar não só conhecimentos aos seus alunos, mas também a paixão pela sua investigação.

“A identificação de novos marcadores de risco do cancro da mama vai melhorar a avaliação do risco individual, a estratificação dos pacientes com maior risco, a pré-gestão da doença e a saúde pública como um todo”, refere a investigadora.

Ana Teresa Maia está ciente de que os seus estudos terão impacto sobre a incidência do cancro da mama e sobre a compreensão da biologia tumoral. “A dissecação dos mecanismos biológicos subjacentes ao risco contribuirá para uma melhor compreensão da biologia do tumor e para o desenvolvimento de terapias futuras”.

A ALFARROBEIRA E O MERCADO DO CARBONO

A alfarrobeira (*Ceratonia siliqua* L.) foi trazida pelos árabes para o Norte de África, Espanha e Portugal. É uma árvore característica dos países Mediterrânicos (Portugal, Espanha, Itália, Grécia, Marrocos, Turquia e Chipre) e tem uma elevada resistência à seca. Por sua vez, o seu fruto, a alfarroba, também conhecida como o “ouro negro do Algarve”, tem aplicações que vão desde a cosmética, passando pela indústria alimentar e farmacêutica, até à produção de biocombustível. No Algarve desempenha um papel importante na economia, onde 50 mil toneladas são produzidas por ano, fazendo da região o terceiro maior produtor de alfarroba do mundo.

Um grupo de investigadores da UAlg, liderado por Pedro Correia, docente da Faculdade de Ciências e Tecnologia, conclui que esta espécie, de folha perene e com elevada longevidade, bem adaptada aos diferentes tipos de solo e ao clima da região algarvia, é também um excelente aliado no «sequestro» de dióxido de carbono (CO₂), gás responsável pelo fenómeno do aquecimento global. O CO₂ é libertado na respiração das plantas e dos animais, na queima de combustíveis fósseis e na decomposição da matéria orgânica. Um dos setores que contribui para modificar a emissão dos gases com efeito de estufa é o setor florestal/agronómico. Uma gestão adequada do coberto vegetal pode funcionar como sumidouro de carbono do CO₂ atmosférico, capaz de o transformar em biomassa nas folhas, troncos e raízes. “Uma das espécies que pode cumprir esta função é a alfarrobeira porque, segundo este estudo, um hectare, com cerca de 120 árvores, tem capacidade de fazer sumir cerca de quinze toneladas de CO₂ por ano”, explica Pedro Correia. A sua linha de investigação, que apoiou uma tese de mestrado na UAlg (Daniel Geraldo, Eng.º do Ambiente) tem como principal objetivo quantificar o carbono em alfarrobeiras a uma escala regional, com base na sua morfologia e nos respetivos padrões de crescimento.

Considerando que a alfarrobeira é uma espécie de folha perene e que atualmente é frequente observar-se um segundo ciclo de crescimento entre setembro e novembro, este crescimento “em contínuo”, de abril a novembro, permite uma alta taxa de fixação de carbono por ano.

O estudo desenvolvido por esta equipa permite concluir que o mercado de carbono atual caminha para o estabelecimento de taxas a pagar pelas atividades antropogénicas (ou indústrias) que originam CO₂, colocando a hipótese de haver permutas entre os interessados. Deste modo, a negociação de emissões entre estas atividades e os produtores de espécies como a alfarrobeira que funciona como sumidouro de carbono, abrem uma porta para a valorização inovadora do meio rural e de apoio aos produtores.

AGRICULTURA DE PRECISÃO

A agricultura de precisão é uma estratégia de gestão que utiliza informação específica para quantificar com exatidão a distribuição espacial de culturas, estados e stresses nutritivos, práticas culturais e produtividades. A conjugação dos sistemas de informação geográfica (SIG) e da deteção remota (DR), permite o cálculo de vários índices de vegetação, usando diferentes bandas associadas à imagem.

Um estudo realizado pela UAlg no âmbito da tese de Mestrado em Geomática de Florinda Gama, sob a coordenação dos docentes Maribela Pestana e Joaquim Luis, da Faculdade de Ciências e Tecnologia, demonstrou ser possível recorrer às imagens de satélite “RapidEye” para gerar modelos que estimem teores foliares de clorofila em pomares de laranjeiras localizados em Tavira.

Esta investigação concluiu que as imagens de satélite poderão identificar, com muita precisão, zonas dos pomares onde a clorofila nas copas diminui significativamente, com consequências diretas na diminuição da produtividade desses locais. Na prática, este conhecimento permite, por exemplo, fertilizar apenas estas zonas, o que se traduz em implicações óbvias na diminuição do consumo de fertilizantes, nos custos de produção e nos impactos ambientais.

Consequentemente, uma agricultura de precisão, ajustada a cada indivíduo, ou a cada árvore, contribuirá para a melhoria da qualidade do fruto no final do ciclo produtivo, assim como para uma gestão mais eficaz da fertilização, minimizando os riscos ambientais e os consumos desnecessários.

A Universidade do Algarve está a realizar mais ensaios e a proceder a alguns ajustes da metodologia de validação para que se possa alargar a utilização deste modelo a outras variedades citrícolas, bem como a outras espécies de árvores de fruto.



O FUTURO NA UNIVERSIDADE

por **Mariano Gago**

EM 2010, OS SERVIÇOS ESTATÍSTICOS DA UNESCO ESTIMAVAM EM 177 MILHÕES O NÚMERO DE ESTUDANTES INSCRITOS NO ENSINO SUPERIOR, EM TODO O MUNDO. ESSE NÚMERO ERA DE 100 MILHÕES EM 2000. NOS DEZ ANOS DA ÚLTIMA DÉCADA, DEU-SE ASSIM UMA EXPLOÇÃO NA POPULAÇÃO ESCOLAR QUE FREQUENTA ESCOLAS SUPERIORES, MAIS SETENTA E SETE POR CENTO, QUE VEIO POSSIVELMENTE ALTERAR, EM MUITAS ZONAS DO GLOBO, O PAPEL DO PRÓPRIO ENSINO SUPERIOR.

Num resumo forçosamente esquemático, dir-se-ia que o Ensino Superior se tornou uma aspiração para todos, e não apenas para as elites sociais. Esse movimento parece estar a crescer. Era preciso que crescesse ainda mais e que rapidamente se ampliasse.

O número de estudantes inscritos fora dos seus países de origem também cresce, ligeiramente mais que o crescimento geral, mas situava-se apenas em cerca de 2,3% em 2010, à escala mundial. Quantitativamente, pelo menos, a explosão actual do ensino superior revela (ainda) um fenómeno social que é, em primeiro lugar, nacional. Não é exactamente assim na ciência, onde a expansão mundial da última década é acompanhada por um crescimento igualmente acentuado de redes de cooperação internacional: mais de 20% de todas as publicações científicas referenciadas são hoje subscritas por instituições de vários países (contra apenas 8% vinte anos antes). A cooperação científica internacional representa pois um dos mais importantes activos de cooperação entre comunidades académicas, especialmente quando dirigida para zonas onde a participação no ensino superior está em forte crescimento.

A expansão do ensino superior parece radicar-se num irreprimível movimento alargado de procura social e na aspiração à mobilidade social através da educação, e num encadear progressivo de respostas institucionais ou políticas e de procuras sociais regionais ou nacionais, em larga escala, num crescendo que poderá parecer impressionante antes de atendermos à escassez dos números numa perspectiva mundial.

O actual movimento de expansão do ensino superior, embora rápido e notável, revela especialmente a dimensão tremenda do que ainda falta: mais de metade da população mundial ainda pouco ou nada participa no esforço conjunto de civilização a que o ensino superior e a investigação científica aspiram. Se a China principalmente, mas também a Índia ou mesmo toda a África começam a tornar-se visíveis, em números crescentes, no que respeita à quantidade de estudantes, de diplomados, ou de cientistas, a percentagem das suas populações a que estes números se referem é ainda muitíssimo diminuta.

Dito de outro modo: o que nos deve justificar um verdadeiro optimismo é o potencial tremendo do que ainda está para vir e cujos primeiros sinais parecem hoje visíveis, não ainda os números absolutos.

A participação em processos superiores de civilização, designadamente na produção de ciência por parte de povos e grupos sociais que constituem a maioria da humanidade, parece vir a ser finalmente possível, caso continue a verificar-se ao longo deste século XXI, de forma continuada, o processo de alargamento social ao ensino superior de que a primeira década do século foi evidente testemunho.

Tremendo desafio esse, em primeiro lugar, para os povos em que a procura de educação superior e de mobilidade social pela educação esbarra em sistemas económicos e políticos bloqueados, onde o primeiro impacto visível da expansão do número de diplomados do ensino superior se traduziu em desemprego e frustração, agravados por contextos

de emigração difícil, e de autoritarismo e arbitrariedade social insuportáveis, sistemas portanto favoráveis à rápida conversão do ensino superior massificado (e frustrado) num actor político muitíssimo relevante, capaz de detonar revoltas sociais, mas não de as organizar nem conduzir, nem, muito menos, de conseguir responder às necessidades económicas e às aspirações sociais dessas mesmas gerações bloqueadas. O que muitos finalmente descobriram recentemente no Magrebe está presente como fermento de revolta, talvez de transformação social, em muitas outras sociedades.

Desafio ainda no que respeita à tremenda vulnerabilidade de instituições de ensino superior em tantas partes do mundo, especialmente perante a ameaça de controlo ideológico, a perseguição política, a tentativa de intimidação das mulheres, e a arregimentação fanática que a frustração torna por vezes inevitável. As Universidades e as escolas serão, neste contexto, cada vez menos santuários onde não entra nem a guerra nem o terrorismo; antes pelo contrário, estão a tornar-se alvos e vítimas desgraçadamente fáceis.

Contudo, nem os problemas nem os conflitos tornam a expansão indispensável do ensino superior e da ciência à escala do planeta menos necessária para superar a miséria e a opressão, para trazer os excluídos, como sujeitos próprios, à recriação das formas superiores da civilização, para garantir a paz, para lutar pela tolerância em condições melhores. A expansão do ensino superior está a acontecer em larga escala, é bom que assim seja, e é indispensável que continue quaisquer que sejam os obstáculos que tenha de enfrentar.

As Universidades de países desenvolvidos, como Portugal, têm de ser parte desse esforço cujo centro estará naturalmente noutras zonas do globo, mas onde se apela a parcerias internacionais sérias e onde mais se precisa de cooperação.

Em Portugal, essas mesmas zonas do globo (em África, na Ásia, na América Latina), fazem parte da nossa história profunda – e aí mesmo nos reconhecem, a nós portugueses, como parte integrante das suas próprias histórias.

Cabe agora às nossas universidades e politécnicos – cada vez mais enraizados que estão nos seus países e nas suas regiões, e portanto cada vez mais fortes – levar consigo esse capital de conhecimento e de inovação social, de ciência e de competência técnica, de capacidade de pensar e de fazer – intervindo e ajudando a intervir nos movimentos extraordinários de civilização a que assistimos e que a expansão maciça do ensino superior no mundo nos revela.

Muitos portugueses estão em todo o mundo, onde se fixaram. São portugueses mas também são americanos, brasileiros, africanos, indianos, canadianos, franceses... Outros emigraram recentemente, por necessidade, ou por desleixo de quem não fez o que podia e devia fazer para criar alternativa à emigração forçada, pelo menos dos mais qualificados.

Todos não serão demais, e as nossas universidades, hoje desenvolvidas e abertas ao mundo, deverão acrescentar-se às redes modernas de reconhecimento e contacto que estão a ajudar a reconstruir o País, deverão manter vivas e activas as redes internacionais

preciosas que são da sua responsabilidade: antigos e novos alunos, colaboradores científicos e académicos em todo o mundo, parceiros institucionais.

Além disso, em todo o mundo se reconhecem portugueses entre antepassados. No Algarve, quase obrigatório se torna ainda lembrar a história densa que nos liga às suas muitas vagas de emigração, sem esquecer a relação antiquíssima com o mundo árabe e, muito em especial, chamando os descendentes dos judeus portugueses, expulsos ou forçados à fuga e que, ainda séculos depois, a si mesmos se chamavam da Nação portuguesa. O que não podem, devem, as Universidades fazer sobre este terreno histórico extraordinário!

Ao Prof. João Guerreiro, amigo de sempre, quando termina o mandato de Reitor da Universidade do Algarve, oferece estas linhas breves o

José Mariano Gago

1 de Dezembro de 2013

JOÃO CORREIA FLYING SHARKS A VOAR PARA TODO O MUNDO

Tudo começou ao anoitecer, num qualquer dia, no início de 2006, enquanto João Correia e um amigo, José Graça, ambos biólogos marinhos, apaixonados pela indústria dos aquários e dos tubarões, bebiam um gin tónico e discutiam a vida, o universo e outras coisas... Ambos estavam ansiosos por abraçar novos desafios, depois de nove anos a trabalhar com recursos marinhos vivos, aves e invertebrados no Oceanário de Lisboa, o maior aquário público de Portugal.

Será redundante dizer que tudo tem um começo, mas tem... E questionado sobre as suas grandes paixões, João Correia é perentório em afirmar e reafirmar: tubarões – mar – ensinar – investigação – aviões – tubarões – tubarões e tubarões... Mas voltemos ao início, talvez ao começo. João licenciou-se em Biologia Marinha e Pescas na Universidade do Algarve, em 1994. Recorda esses tempos como "fantásticos" e considera que o ambiente na UAlg era "estupendo" e que os conhecimentos adquiridos neste curso foram importantes para a sua vida profissional. Talvez tenham sido fulcrais para o início de uma carreira de sucesso, envolta em muita aventura e momentos inesquecíveis. Uma carreira no domínio da Biologia Marinha, vocacionada para aspetos ecológicos, nomeadamente para o papel desempenhado por tubarões e raias no meio oceânico.

Mas, como "não há duas sem três", veio juntar-se à equipa um terceiro elemento, Morikawa Hirofumi, que trouxe um novo impulso e que, tal como João e o amigo, também sabia como era verdadeiramente espetacular capturar algumas das espécies mais interessantes que existem um pouco por todo o mundo. Assim, a 1 de setembro de 2006 nascia a "Flying Sharks", que viria a fornecer animais marinhos vivos para aquários públicos de todo o mundo. Dois anos mais tarde, a Flying Sharks "mudou-se" para os Açores, na sequência da entrada para a empresa do antigo colega da Universidade do Algarve, Telmo Morato, também licenciado em Biologia Marinha e Pescas pela UAlg, atualmente investigador no Departamento de



Oceanografia e Pescas da Universidade dos Açores.

A Flying Sharks passou a contactar com locais tão distantes como a China, Japão, EUA, Dubai, Turquia e, também, os mais próximos, como Alemanha, Espanha, França, Áustria, Holanda, Reino Unido, entre muitos outros. "Nós concentramo-nos principalmente no transporte em grandes aviões, mas também fornecemos regularmente peixes ornamentais e invertebrados, em embarques menores". Todos os animais são recolhidos pela equipa da Flying Sharks, muitas vezes em colaboração com os pescadores comerciais, sem recurso a técnicas ambientalmente destrutivas, como a pesca de arrasto, as redes de emalhar derivantes ou produtos químicos, e a grande maioria dos animais são recolhidos individualmente, à mão.

Em 2010, receberam a maior encomenda de sempre, tendo carregado 2 Airbus 300 com



cerca de 3100 peixes e invertebrados para o grande aquário de Istambul, na Turquia, que ainda se encontrava em construção. Esta grande operação, que reuniu todas as equipas da Flying Sharks (Olhão, Peniche, Funchal e Horta), demorou oito meses a preparar, mas traduziu-se num verdadeiro sucesso.

João Correia entende que a sua empresa oferece muito mais do que apenas os animais aos seus clientes e parceiros. Gosta de pensar que as premissas sociais e ambientais da Flying Sharks podem inspirar empresas similares em todo o mundo a adotar uma filosofia mais amiga do ambiente, e socialmente mais responsável, sabendo que este é verdadeiramente o único caminho para uma convivência sustentável entre a humanidade e os oceanos.

João já visitou várias instituições ligadas à vida marinha e aquários, um pouco por todo o mundo, em cidades como Virginia

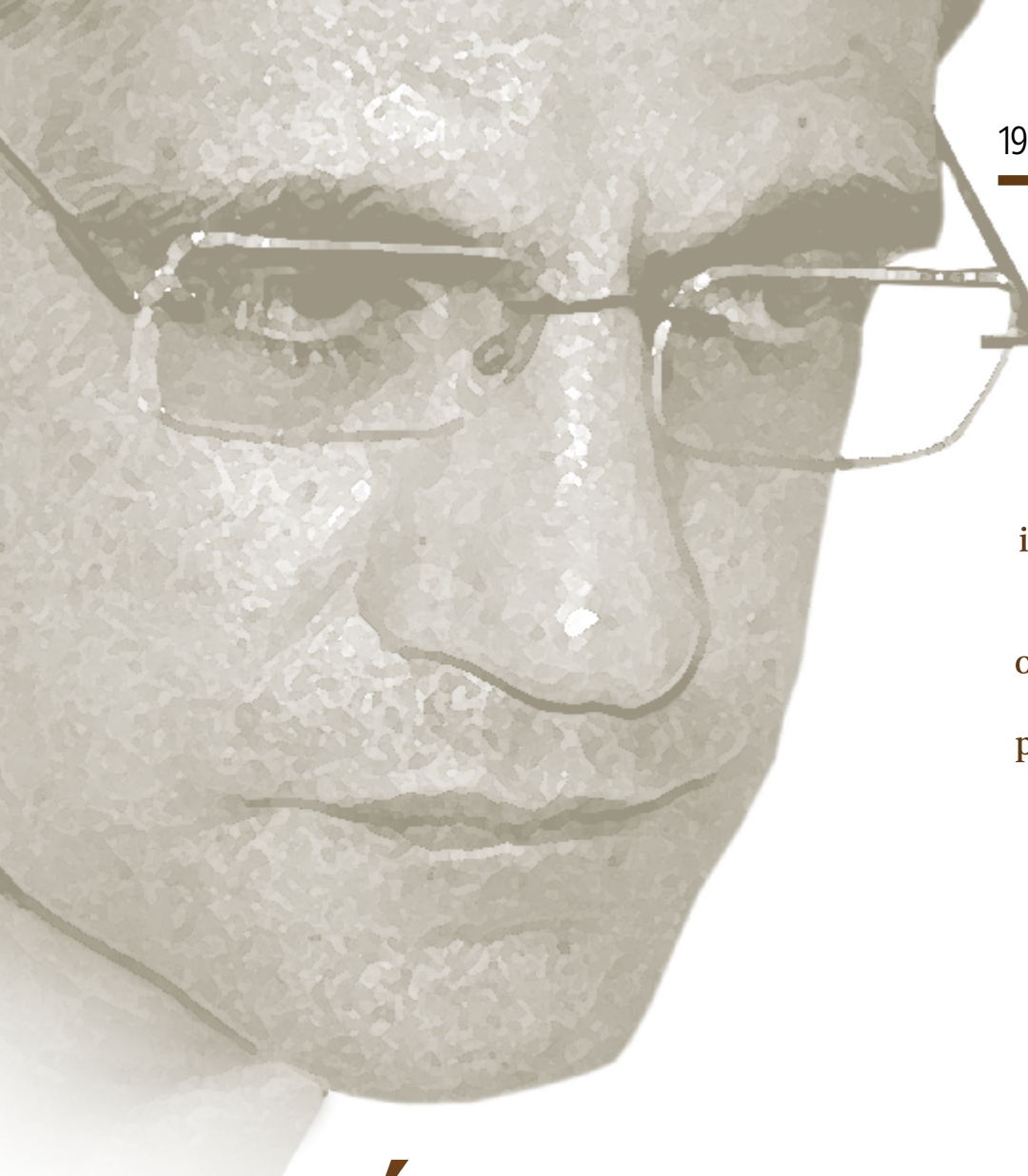
Beach, Omaha, Stralsund, Newport, Xangai, Salzburgo, Atlanta, Okinawa, Fukushima, Nagoia, Tóquio, Amesterdão, Roterdão, Barcelona, Vancouver, Génova, Sydney, Singapura, Nova Orleães, Nova Iorque, Chicago, entre outras.

Apesar de ter terminado a licenciatura há praticamente 20 anos, João Correia continua ligado ao Algarve, com uma equipa da Tunipex (sediada em Olhão), que trabalha em grande proximidade com a Flying Sharks. Da sua ligação à região, considera que a UAlg tem tido um papel fundamental no desenvolvimento do Algarve, sendo numerosos os exemplos de pequenas empresas, ligadas ao mar, que vão surgindo na região pela mão de antigos alunos. Destaca, como exemplo, a Necton, que à semelhança da Flying Sharks, tem vindo a afirmar-se no panorama internacional e a auxiliar o forte incremento de exportações que tem vindo a registar-se em Portugal nos últimos meses.

Além da equipa algarvia, uma de apenas quatro, no seu género, a nível mundial, a Flying Sharks também tem uma equipa Açoriana, responsável pela manutenção do recentemente inaugurado "Aquário de Porto Pim", desenhado e construído com o apoio desta empresa, e trabalha em estreita colaboração com a Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar, em Peniche, onde João também leciona.

Com apenas 7 anos de idade, "a Flying Sharks orgulha-se do seu crescimento constante e das oportunidades que disponibiliza aos seus clientes, parceiros, colaboradores, fornecedores e amigos".

www.flyingsharks.eu



1954 – 2013 **IN MEMORIAM**

“Professor que sou, reitero que é essa a atitude que mais me tenho esforçado por incutir nos alunos: a não aceitação conformista e passiva das ideias feitas, o gosto pelo pensamento autónomo e isento de preconceitos – o espírito crítico, em suma. Por aí começa, com efeito, o nosso património cultural.”

António Rosa Mendes,
O que é Património Cultural,
Gente Singular Editora, 2012

ANTÓNIO ROSA MENDES

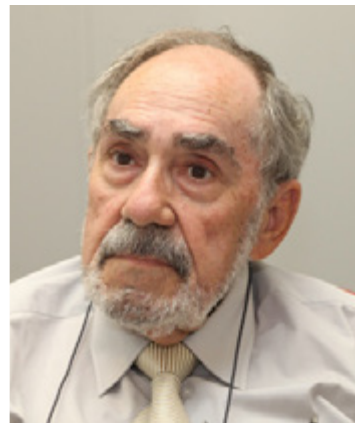
NA HISTÓRIA DO ALGARVE

Foi professor na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, lecionou disciplinas de História da Cultura, História do Algarve e Direito do Património Cultural. Foi também Diretor da Biblioteca da Universidade. Coordenou o curso de mestrado em História do Algarve e o Centro de Estudos de Património e História do Algarve (CEPHA). Natural de Vila Nova de Cacela, estudou em Faro. Licenciou-se em História e em Direito. Mestre e Doutor em História, António Rosa Mendes foi um professor exemplar que muito contribuiu para impulsionar a investigação científica em torno da História do Algarve. Em 2005 foi presidente de “Faro, Capital Nacional da Cultura”.

João Guerreiro, reitor da Universidade do Algarve, recorda António Rosa Mendes como “um personagem comprometido com a região algarvia, com uma sólida personalidade e uma cultura invejável, sempre disponível para as iniciativas que conduzissem à valorização do conhecimento. Cultivando uma fina ironia, António Rosa Mendes, aproveitava todas as oportunidades para evocar o ‘seu Algarve’. Como professor, deixou seguramente uma imensa saudade junto dos seus alunos pela forma como se entusiasmava nas suas aulas em torno das matérias relacionadas com a História do Algarve”.

Faleceu dia 4 de junho de 2013.





Meu caro amigo

Embora as suas respostas não tenham já a nitidez do passado, a verdade é que nem por isso deixo de lhe ir dando notícias e trocando impressões sobre o que estou a fazer. E já agora (e a confirmar a sua desconfiança), sem que por isso me censure, nada tem saído sobre a história do nosso Algarve. E tanta vez falámos sobre a obra que faz falta, sem que V. conseguisse demover-me da quietude em que tenho estado instalado. Pois: porque essa construção precisa mais gente a realizar mais investigação para que o resultado não seja precário e excessivamente transitório. Nisso também as culpas são suas. Ora então: muito prometeu e se comprometeu a rever em condições a Restauração pombalina do Reino do Algarve e afinal não a completou... Azares do tempo e da fortuna, como queriam os barrocos que V. tão bem conhecia e com quem conversava amiúde. Sim, porque não era apenas com o Damião António de Lemos Faria e Castro que os seus diálogos se estabeleciam. V. gostava mesmo dos barrocos, e a prosa deles – V. que era um apaixonado pela pena de mestre Aquilino – nunca o deixava indiferente. Às vezes até exagerava ao acompanhar esses processos retóricos do passado, que procurava recriar, e não poucas vezes com êxito. Que o diga o mais clássico Fernão Mendes Pinto e outros jesuítas com que soube lidar como poucos. Porque V. é historiador porque é escritor. Essa também uma pecha minha, embora onde V. insista na metáfora e no vocábulo raro e preciso, enquanto eu invisto em castigar o ritmo e a sonoridade. Gostos. Que tantos debatíamos nas nossas conversas telefónicas quase semanais, nas estiradas tardes calmosas de Monte Gordo ou nos almoços ícticos (lá vai o barroquismo para lhe fazer o jeito mas se quiser substitua por piscosos que sempre tem um tom mais camoneano) na mágica Ilha de Faro. Mágica por uma luz que nunca senti em mais parte nenhuma, uma claridade que nos deslumbra e aquieta.

Projectos nunca nos faltaram e por último muito nos detivemos em volta das Memórias do Dr. José Neves, que eram não apenas um retrato vivido de um homem bom mas também a reconstituição de territórios espaciais e culturais desconhecidos. Sim, a cidade de Faro que o nosso mestre revelava, de princípios do século XX – como já está longe, sem que o possamos sentir assim! – ficava retratada também, e não era isso pouca coisa. Que de entusiasmo – assim mesmo, para arrebicar um pouco também a minha prosa – com que chegámos a fixar onde iríamos lançar a edição em livro que se impunha. E que há-de ser feita, que não se pode perder um tal testemunho de outras eras, de outras gentes, de outros sentires, de outros... muitos outros. Indispensáveis ainda e sempre à História do Algarve que por outros será escrita, não duvido, por quem não sei, mas que há-de ser, há-de ser, tenho a certeza.

Pouco a pouco, que o tempo afinal para si já não conta, para mim também já vai faltando, como não pode deixar de ser, que sou nascido na outra metade do outro século. Sempre outro.

Com saudades a doerem, o seu muito amigo

Joaquim Romero Magalhães





ESCOLAS E AVALIAÇÃO EXTERNA – UM ENFOQUE NAS ESTRUTURAS ORGANIZACIONAIS

Edição: Mundos Sociais
Organização: Luísa Veloso

Este livro, que conta com a colaboração das docentes Helena Quintas, José Alberto Gonçalves e Teresa Vitorino da Universidade do Algarve, condensa os principais resultados de uma investigação centrada nos contextos institucionais das escolas do ensino básico e secundário em Portugal, abordando a relação entre as políticas educativas, os modelos de organização, os perfis de liderança e o sucesso escolar. O período balizado pelos anos de 2005 e 2009 é marcado pela criação e execução de um conjunto amplo de medidas no domínio da educação em Portugal. Entre elas encontra-se a implementação de um modelo de

avaliação externa das escolas, numa perspetiva de promover a autonomia institucional (articulando a avaliação externa com a autoavaliação) e o sucesso escolar. Foi este contexto que motivou esta investigação e se concretizou numa proposta de análise dos relatórios de avaliação externa em três regiões com características distintas: Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve. Espera-se que investigações como esta constituam um suporte cada vez mais central e estratégico para os decisores políticos e instrumentos de trabalho para todos os agentes da comunidade educativa.



CATÁLOGO DO ESPÓLIO DOCUMENTAL DE JOAQUIM MAGALHÃES (1909-1999)

Edição: Universidade do Algarve
Coordenação: António Rosa Mendes

O Catálogo pretende dar a conhecer o conteúdo dos acervos do Professor Joaquim Magalhães, figura marcante da sociedade algarvia, agora depositados na Universidade do Algarve. O espólio que a família legou à Instituição permite que a documentação e o acervo bibliográfico acumulado ao longo de uma intensa, diversificada e rica vivência não se tenha perdido. O seu tratamento, organização e catalogação permitem que essa documentação possa ser consultada, analisada, estudada e integrada em trabalhos de investiga-

ção que incidam no período da história do Algarve que abrange quase 70 anos.



PROMONTORIA MONOGRÁFICA, SÉRIE HISTÓRIA DO ALGARVE - CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA DA SAÚDE NO ALGARVE

Edição: Universidade do Algarve
Coordenação: António Rosa Mendes, António Paulo Oliveira e Cristina Fé Santos

Esta revista tem como principal objetivo a divulgação de trabalhos de investigação na área das Ciências Humanas e Sociais, dispondo-se a divulgar os resultados da investigação produzida nas referidas temáticas, particularmente os que foquem assuntos ou questões cujo âmbito geográfico se centre no Sudoeste peninsular. Há já vários anos que existem séries monográficas da revista que apresentam temáticas específicas, quer no âmbito da arqueologia (Promontoria monográfica – Arqueologia, com 16 volumes publicados), quer no âmbito da História da Arte (Promontoria monografia – História da Arte, com

5 volumes publicados). Com esta edição inaugura-se a série Promontoria monográfica – História do Algarve, cuja temática é a “História da Saúde no Algarve”. Esta publicação reúne diversos estudos alusivos a instituições, a personalidades ou a enfermidades, tendo como elemento agregador o Algarve. Os estudos são da autoria de investigadores das Universidades do Algarve, de Coimbra e de Lisboa, assim como de vários outros investigadores e profissionais de saúde que têm o propósito comum de divulgar esta temática.

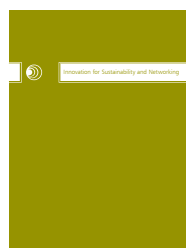


CONCEÇÃO E OPERACIONALIZAÇÃO DE UM DISPOSITIVO DE MONITORIZAÇÃO DA TRAJETÓRIA ACADÉMICA E DE INSERÇÃO DE DIPLOMADOS DA UNIVERSIDADE DO ALGARVE

2 volumes
Edição: Universidade do Algarve
Coordenação: Helder Carrasqueira – UAIG
A. Oliveira das Neves e Catarina Pereira – IESE

Organizado num conjunto de dois volumes, estas publicações apresentam o estudo de Conceção e Operacionalização de um Dispositivo de Monitorização da Trajetória Académica e de Inserção de Diplomados da Universidade do Algarve, que descreve sucintamente as atividades desenvolvidas e os resultados globais do Inquérito aos Diplomados da Universidade do Algarve, que concluíram a sua formação inicial entre 2004 e 2011. Executado em parceria com o Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE), este estudo incidiu sobre as trajetórias profissionais dos es-

tudantes que frequentaram a UAIG e pretende apresentar qual o grau de sucesso que a formação proporcionada pela Universidade está a ter, revelada pela maior ou menor taxa de atividade dos profissionais que adquiriram formação superior na Universidade do Algarve, designadamente avaliando a respetiva integração no mercado de trabalho.



INNOVATION FOR SUSTAINABILITY AND NETWORKING

Edição: Universidade do Algarve
Editores: Teresa de Noronha – UAIG
Jorge Gomes – ISCTE

A criatividade humana permite a procura de novas maneiras de fazer acontecer. As suas aplicações encorajam novos espaços, novas necessidades e novos estilos de vida. A inovação tem sido um elemento chave das capacidades humanas mas só recentemente foi reconhecida como claro instrumento de prosperidade. Este volume reúne alguns dos resultados alcançados no âmbito do projeto PTDC/CS-GEO/102961/2008, financiado pela FCT, cujo objetivo foi perceber a dinâmica da inovação em Portugal. As contribuições teóricas permitiram

ainda desenvolver métodos de modelação dos sistemas de inovação em rede e apresentar um enfoque mais direcionado ao progresso sustentado dos territórios. Ao observar a inovação subtil que vai ocorrendo e transformando as pequenas cidades, as regiões periféricas e os sectores mais tradicionais, o leitor é levado a assumi-la como um processo generalizado e complexo, repleto de manifestações distintas e que pode ser estudado e compreendido em quaisquer atividades da nossa sociedade



CÂNDIDO GUERREIRO OBRAS I, EDIÇÃO DE JOÃO MINHOTO MARQUES

Edição: Câmara Municipal de Loulé
Editor: João Minhoto Marques – UAIG

Esta edição das obras de Cândido Guerreiro, compilada por João Minhoto Marques, Professor da Universidade do Algarve, obedece ao princípio geral da necessidade de registar a obra do poeta alentejo. Quer os pressupostos subjacentes ao processo de fixação textual, quer o critério cronológico adotado na organização dos textos procuraram respeitar a derradeira vontade do poeta.

É dado destaque à linha evolutiva da sua obra, desde as primeiras recolhas poemáticas conhecidas, até aos últimos escritos.

SABER É O SEU PODER



DOUTORAMENTOS



MESTRADOS



PÓS-GRADUAÇÕES



com o apoio de: